



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECÔNCAVO DA BAHIA
CENTRO DE ARTES, HUMANIDADES E LETRAS

ANTONIA FERNANDA DOS ANJOS DOS SANTOS

“REZAS COM MATO”: Registro do Ofício De Rezas Com Ervas Na Comunidade
Quilombola De Baixa Grande.

CACHOEIRA

2019

**“REZAS COM MATO”: Registro Do Ofício De Rezas Com Ervas Na Comunidade
Quilombola De Baixa Grande.**

ANTONIA FERNANDA DOS ANJOS DOS SANTOS

Monografia apresentada para o
colegiado de Museologia da
Universidade Federal do Recôncavo da
Bahia como requisito parcial para
obtenção do título de bacharel em
Museologia.

Orientador: Prof. Archimedes Ribas Amazonas

CACHOEIRA

2019

ANTÔNIA FERNANDA DOS ANJOS DOS SANTOS

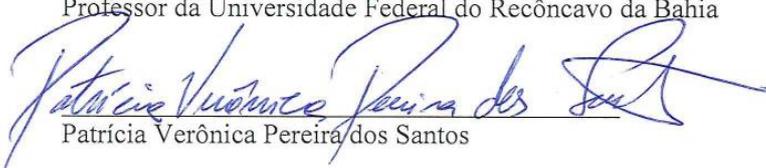
Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Colegiado do Curso de Graduação em Museologia, Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel em Museologia.

Aprovado em 22 de fevereiro de 2019.

BANCA EXAMINADORA


Archimedes Ribas Amazonas

Mestre em Comunicação e Cultura – Faculdade de Comunicação - UFBA
Professor da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia


Patrícia Verônica Pereira dos Santos

Mestra em História Social – Universidade Federal da Bahia
Professora da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia


Alaize dos Santos Conceição

Mestra em História Social – Universidade Federal da Bahia
Doutoranda em História Social – UNIRIO

Dedicatória

Dedico este trabalho a meus pais Vanda e Damazio. A meus avós Clemente (*in memorian*), e Marcelina. Cecília (*in memorian*), Anacleto e Izaura. E a meus irmãos, Dinha, Bau e João. Tios, tias e primos. E a todos aqueles que vieram antes de mim.

Agradecimento

Foram muitas pessoas que se fizeram presentes, e que me ajudaram de alguma forma a chegar até aqui com este resultado. Sozinha eu sei o quanto seria difícil ou até impossível. Meus agradecimentos vão em primeiro lugar a Deus o todo poderoso. As entidades divinas que me deram forças de coragem para enfrentar a elaboração deste trabalho, aos meus ancestrais que permitiram, creio que de maneira intuitiva, buscar a memória dos mesmos por meio dos que sabem. Agradeço a Dona Sila, e Miguel por ajudarem a construir este trabalho, entendendo que é necessária a documentação, também agradeço a seus familiares por aceitarem e entenderem os momentos de insistência em busca de informações em seus lares.

Agradeço a meu orientador, professor Archimedes.

De modo especial agradeço a meus pais, Damazio e Vanda, e meus irmãos, João, Dinha e Bau, por me ajudar no que foi preciso e me apoiar a todo momento. Agradeço a meu namorado Reginaldo, por entender os momentos necessários de ausência para que este trabalho acontecesse. Às minhas/meus amigas/os companheiras/os de batalha que ajudaram de alguma forma, Alessandra, Carlene, Simone, Maria do Carmo, Francine, Laíza, Juliéverson, Joilson. A minhas afilhadas Vitória e Laura, minha tia Vardinha, e meu primo Edcarlos. A meus/minhas colegas que incentivaram com palavras de apoio. Meus agradecimentos vão também a todos os entrevistados e colaboradores que sem muito pensar se tornaram autores/as dessa monografia.

Gratidão!

**“REZAS COM MATO”: Registro Do Ofício De Rezas Com Ervas Na Comunidade
Quilombola De Baixa Grande.**

RESUMO: O presente trabalho trata da documentação do ofício de rezas com ervas, herança cultural deixada por ancestrais que hoje encontra-se com elevado grau de esquecimento da geração presente. Uma tradição que se faz presente por meio da oralidade. O ofício das rezas é comum na comunidade, mas existe três fatores ameaçadores à cultura, o que trataremos com ênfase durante todo o trabalho, além da exposição do ofício. Os fatores são os agentes de várias outras religiosidades que não são de matriz africana, como as neopentecostais, o que acarreta do pouco uso do ofício das rezas pela população da comunidade quilombola de Baixa Grande. Outro fator é o desinteresse de jovens em aprender o ofício, o que podemos perceber a partir da falta de diálogo com os mais velhos, o que neste trabalho é defendido a partir do entendimento da importância desse diálogo pela filosofia africana nos levando a considerar a questão da descolonização desses indivíduos, de modo específico trato com um olhar aprofundado na maneira da criação e educação dos indivíduos que ocupam esse espaço, vendo que existe a interferência da imposição de fatores religiosos na formação desses sujeitos. Mais um fator que podemos apontar é a atuação da medicina científica que é concretizada como algo fundamental e unicamente verdadeira, que de forma não percebida pelos usuários ofusca a veracidade do ofício.

Palavras-chave: Medicina popular; Modernidade; Ofício de rezas; Patrimônio; Religiosidade.

"PRAYING WITH MATO": Register Of Craft Of Prays With Herbs In The Quilombola Community Of Low Great.

Abstract:

The present work deals with the office of record prayer with herbs, cultural heritage left by ancestors that today is with a high degree of forgetfulness of the present generation. A tradition that is present through orality. The office of the prayers is common in the community, but there are three factors threatening the culture, which we will deal with with emphasis throughout the work, in addition to the exposition of the office. The factors are the agents of several other religions that are not of African matrix, such as Neo-Pentecostals, which results from the little use of the prayers office by the population of the quilombola community of Baixa Grande. Another factor is the disinterest of young people in learning the trade, which we can perceive from the lack of dialogue with the elders, which in this work is defended from the understanding of the importance of this dialogue by the African philosophy leading us to consider the question of the decolonization of these individuals, in a specific way I deal with an in-depth look at the way of creation and education of the individuals that occupy this space, seeing that there is the interference of the imposition of religious factors in the formation of these subjects. One more factor that we can point out is the performance of scientific medicine that is concretized as something fundamental and only true, that in a way not perceived by users obfuscates the veracity of the trade.

Key - words: Popular medicine; Modernity; Craft of prayers; Patrimony; Religiosity

Sumário

Introdução	9
Capítulo 1. Referencial Teórico e Metodológico	12
1.1. Por que documentar?	18
1.2. Modernidade e tradição: o desinteresse dos jovens com o ofício.	20
1.3. Presença do Neopentecostalismo e a negação do sincretismo religioso católico	24
1.4. Religiosidade e tradição: herança cultural e a devoção a santos protetores.	29
Capítulo 2. A comunidade Quilombola de Baixa Grande: fatores de organização e resistência.....	34
2.2. Biografia da rezadeira.....	45
Capítulo 3. O saber fazer das Rezas com ervas a partir da seus/suas interlocutores/as.....	46
Considerações Finais	73
REFERÊNCIAS	75
Apêndice:	78

Introdução

O que fez com que tivesse uma maior aproximação em relação a esse tema, resultado da memória, fonte responsável por guardar nossas vivências e tudo aquilo que fomos e construímos um dia, foi em certo sentido, decorrência da condição de sujeitos transformadores e reconstrutores. A memória não nos abandona, ao contrário, toma posse de tudo aquilo que fundamenta nossa existência enquanto construtores da história. Lembro-me das idas com minha família - mãe, pai e irmãos - até a casa de dona Sila para que pudéssemos nos valer de seu ofício de aliviar algum mal-estar, espiritual ou físico, que poderia ser desde a manifestação de uma dor de barriga até mau olhado.

Isso levou-me a refletir sobre o campo do ofício de rezas e suas transformações ao longo dos anos. O pensamento museológico também foi um dos fatores que instruiu-me a trilhar esse caminho de possíveis descobertas e recordações atreladas à minha realidade vívida na Comunidade Quilombola de Baixa-Grande, contribuindo para perceber a necessidade de resguardar, tornar esse legado num documento, uma vez que esse patrimônio está sendo aos poucos esquecido. De acordo com Bruno (1996), a museologia visa estudar a implementação e integração de um conjunto de atividades objetivando a preservação do uso da herança cultural. Partindo do pensamento de Peter Van Mensch (1994 apud BRUNO, 1996), o autor define um panorama contribuindo assim com a construção da museologia enquanto disciplina científica. Defende que ela é o “estudo da relação específica do homem com a realidade” (VAN MENSCH, 1994 apud BRUNO, 1996: 14).

Desse modo, pensando em preservar o patrimônio deixado pelos ancestrais da comunidade Quilombola de Baixa Grande, debruço-me sobre argumentos que apontam para a inexistência de um terreiro de candomblé nesse espaço, algo que é hoje ilusório, pois sabe-se que o ofício de rezas foi dado a partir do conhecimento de uma mãe de Santo que vivia na localidade. Existem algumas enfermidades que a medicina científica ainda é incapaz de extirpar, colocando as populações de comunidades quilombolas, em risco:

Grupos com trajetória histórica própria, cuja origem se refere a diferentes situações, a exemplo de doações de terras realizadas a partir da desagregação de monoculturas; compra de terras pelos próprios sujeitos, com o fim do sistema escravista; terras obtidas em troca da prestação de serviços; ou áreas ocupadas no processo de resistência ao sistema escravista. Em todos os casos, o território é a base da

reprodução física, social, econômica e cultural da coletividade (COSTA, 2015: online).

De modo algum deve ser esquecido que o racismo é o principal agente das ações discriminatórias que afetam a população negra em geral, sendo reafirmados no dia-a-dia através da linguagem coloquial, mantendo-se e sendo alimentado por meio da tradição e da cultura. Pensar a medicina científica enquanto uma causa negativa para a saúde da população negra, especificamente, é compreensível desde a perspectiva de que ela não oferece o atendimento necessário para essa esfera da sociedade. São elas que influenciam no funcionamento das instituições, organizações e nas relações entre pessoas e meio-ambiente, “é condição histórica e traz consigo o preconceito e a discriminação, afetando a população negra de todas as camadas sociais, residente na área urbana ou rural (...)” (BRASIL, 2007: 29).

Por isso, pensar a religião, nesse caso, o segmento cristão como elemento chave na propagação do ideal que leva ao esquecimento da cultura em questão, o ofício de rezas, que envolve as religiões de matriz africana. Desde que moradores da comunidade passaram a não mais procurar saber sobre o ofício, a Renovação Carismática Católica - RCC, em contrapartida, tem ficado cada vez mais presente na vida dos moradores. Levando-se ainda em consideração, o fato de que o fluxo de pessoas que migram de uma crença a outra é constante, existe uma elevação no risco de descrença da cultura afro-religiosa local, sobretudo, quando se fala em rezadeiras, banho de folhas, chás etc.

Destarte, pensar a modernidade enquanto principal responsável pelas gerações futuras, no que diz respeito à cultura e tecnologia, mostra como a questão do pouco diálogo com os mais velhos, que são os principais responsáveis por guardar os saberes existentes até aqui, fundamentados pela oralidade, apontados ainda como sábios das tradições por valorizarem e preservarem nossas heranças, testemunha um fracasso no discurso oral entre as famílias de comunidades tradicionais acerca de sua ancestralidade, nossos antepassados. No que se refere à história de matriz africana e cultura afro-brasileira, esta sabedoria que não é descoberta nas academias científicas, mas na escola da vida ou seja, no cotidiano vivido das comunidades tradicionais, se faz presente, ainda que seja ignorada ou até silenciada.

As gerações presentes carregam consigo uma ausência de informação motivada pela falta de diálogo com os mais velhos, causando consigo consequências danosas para as gerações vindouras. Entre o século XVI e o século XVIII, “a igreja católica entrou no campo da saúde curando através de assistências de caridade e de rituais de exorcismo” (RAVAGNANI, 1985: 227), encontrando desafios e resistência advindos das pessoas que

confiavam nos poderes sobrenaturais, em sua maioria mulheres que viviam, em geral, socialmente desamparadas e sob constante perseguição, opressão, rejeição. A partir do século XVIII, com o aumento de poder conferido à ciência em decorrência do surgimento de novas formas de cuidar das mazelas do corpo e da alma, um saber encriptado elevou o prestígio medicinal na sociedade ocidental moderna.

Não obstante, o conhecimento criptografado em livros da medicina visando o estabelecimento de limites ligados ao processo de saúde e doença, não impediu ou fez com que a cultura das rezas impersistisse em nossa sociedade, com o passar dos tempos. A proposição apresentada nessa monografia deve-se, portanto, a uma inquietação provocativa em lançar aos futuros pesquisadores museólogos, o interesse pela investigação desse campo tão rico de bens. Nos últimos anos, a academia vem acolhendo sujeitos pertencentes à esse chão quilombola, futuros profissionais das ciências humanas que tendem a esboçar fontes capazes de descobrir “rastros, pistas, vestígios deixados, voluntária e involuntariamente, que atravessam épocas, transpõem espaços, vencem intempéries, descasos, o tempo e as muitas formas de deterioração intrínseca e extrínseca de seus suportes” (REZENDE, 2016: 146).

A finalidade desse trabalho é, por isso, o registro do ofício de rezas presentes na comunidade, posto que, a preservação desse saber está interligada à sobrevivência dos grupos humanos, sendo possível investigar, manter, repetir e transmitir culturalmente às gerações futuras como parte da cultura imaterial do povo da comunidade quilombola de Baixa grande. As práticas de rezas com ervas formam parte do saber fazer transmitidos por gerações, partem das necessidades que formam a cultura tradicional deste ou aquele povo, tornando explícito o entendimento quanto à necessidade do registro museológico.

Capítulo 1. Referencial Teórico e Metodológico

Para Bastide (1985), os fenômenos religiosos africanos do período colonial devem ser interpretados por meio do clima de resistência cultural de toda civilização africana contra o regime de trabalho escravagista, da qual a dureza do trabalho servil intensificava a profunda melancolia causada pelo afastamento da terra natal. A revolta conhecida como “Conspiração dos Alfaiates” ou “Conspiração dos Búzios”, ocorrida na Bahia, em 1798, partiu de pessoas negras e, ainda que não tenha sido uma revolta de raça, e sim de classe, a reivindicação racial se fez presente de maneira interseccional (BASTIDE, 1985). “Pessoas humildes, alfaiates carpinteiros, pedreiros, obreiros, mulatos e negros, livres ou escravos, desejavam um regime de liberdade e de igualdade para todos”.

Neste contexto:

A resistência da civilização e da religião africanas não pôde todavia impedir a ação do meio católico ambiente e essa civilização ou essa religião não puderam subsistir senão se sincretizando mais ou menos profundamente com o cristianismo (BASTIDE, 1985: 157).

No que se refere ao quilombo de Baixa Grande, apesar de existir a devoção à Santos católicos, ela não está mais tão viva entre as gerações presentes. De todo modo, através de alguns relatos de entrevistados, foram mencionados nomes de santos católicos deixados pelos antepassados aos seus herdeiros. Dentre os citados estão: Nossa Senhora do Livramento; Santo Antônio; Coração de Jesus e Nossa Senhora da Conceição.

Estes Santos foram levados por cada um de seus parentes, que se comprometeram continuar com a devoção. É importante lembrar as ladainhas de São Cosme e Damião, que os moradores realizam até hoje em suas casas com o caruru de sete meninos e sambas de roda, quando acontece o momento de invocação aos caboclos e orixás. Esse culto acontece naturalmente nos sambas de devoção, que são realizados nas casas das pessoas. Bastide (1985) se questiona sobre qual o lugar do escravo nesta religião patriarcal defendendo que, na escravidão antiga, o sujeito era integrado através da cerimônia religiosa na família de seu senhor já, na escravidão colonial, o escravo representa valor econômico. Contudo, a semelhança do tipo familiar, patriarcalista, traz tonalidades que se opõe de forma fundamental diante de uma aproximação entre o escravizado brasileiro e o escravo grego ou romano porque este, em certa medida, está integrado à família e, por conseguinte, a seu culto.

Nos dias Santos do período colonial, os escravos participavam das festividades de seus senhores, logo, coincidiam suas festas. O negro devia se contentar com a alegria dos brancos e, em ressarcimento, o branco continuaria participando de festas religiosas dos negros:

Significando que ele, o negro, devia tentar elevar-se respeitosamente à religião de seu senhor; este por sua vez não tinha de descer até o catolicismo de seu escravo (...), esta separação religiosa forçou o negro à consciência de sua raça, como a procura de protetores específicos, mas sempre sobre um modelo que lhe era oferecido pelo culto doméstico que, (...) era essencialmente um culto de Santos (...), dessa forma o catolicismo do negro foi, como as religiões africanas, em certa medida, uma subcultura de classe (Ibid.: 162).

Ferretti (1995) compreende o sincretismo afro-brasileiro como um meio de adaptação do negro à sociedade colonial e católica dominante. Foi um meio de auxiliá-lo a viver e conferir forças para suportar e vencer as dificuldades da existência, enfrentar os problemas de forma prática sem se preocupar com manutenção de uma coerência lógica do sincretismo. Este fato convida-nos a pensar sobre a intolerância religiosa existente contra as religiões afro-brasileiras, na contemporaneidade. As últimas duas décadas registraram provocações:

Ataques das igrejas neopentecostais contra as religiões afro-brasileiras, processo extensivo aos países latino americanos, como Argentina e Uruguai para onde tanto essas igrejas como os terreiros de umbanda e candomblé têm se expandido (SILVA, 2007: 09-10).

A disputa por adeptos oriundos de uma mesma origem socioeconômica está entre os fatores decorrentes dos ataques.

Silva (2007) destaca outros fatores como sinônimos de intolerância religiosa, preconceito, discriminação etc:

1) ataques feitos no âmbito dos cultos das igrejas neopentecostais e em seus meios de divulgação e proselitismo; 2) agressões físicas in loco contra terreiros e seus membros; 3) ataques às cerimônias religiosas afro-brasileiras realizadas em locais públicos ou aos símbolos dessas religiões existentes em tais espaços; 4) ataques a outros símbolos da herança africana no Brasil que tenham alguma relação com as religiões afro-brasileiras; 5) ataques decorrentes das alianças entre igrejas e políticos evangélicos e finalmente; 6) as reações públicas (políticas e judiciais) dos adeptos das religiões afro-brasileiras (Ibid.: 10).

Ainda que, sistematicamente, todos os critérios mencionados estejam presentes como fatores responsáveis pela intolerância e discriminação à cultura afro-brasileira, o que mais se aproxima do caso em destaque, é o número 4.

Esse aspecto será apresentado no subcapítulo 1.3 deste trabalho, mas coloco-o em questão a fim de tecer observações acerca das tantas discriminações que alguns sacerdotes convidados a celebrar missas provocam diante da fé dos fiéis presentes na igreja de Santo Antônio. Falando-se de uma população negra na qual se faz presente, de forma enraizada, os costumes culturais com suas manifestações e o culto a Santos devotos, sistematicamente vivos como forma de resistência através do ofício de rezadeiras, tem-se as rezas nas casas com samba, onde são comuns às pessoas servirem pratos típicos originários da culinária africana como o caruru, entre tantos outros que contenha azeite de dendê, ou não, como a distribuição de doces, pipoca, arroz doce, mungunzá, bolo e bebidas. A manutenção da tradição passa a ser um desafio para as pessoas que preservam os símbolos da herança africana no Brasil.

Quando o sacerdote afirma que as pessoas que se encontram na Igreja de Santo Antônio não devem ir aos sambas, a intolerância se faz presente ali. Com relação às igrejas neopentecostais, Silva (2007: 01) afirma que a visão que possuem sobre as religiões afro brasileiras é decorrente do sistema teológico e doutrinário desenvolvido pelo pentecostalismo surgido no Brasil em meados do século XX. A partir de 1960:

A intolerância religiosa pode se manifestar inclusive no compartilhamento de locais ou transportes públicos, como no caso de uma mulher que, por trajar um turbante branco, típicos dessas religiões, foi expulsa do ônibus em que viajava na zona norte da cidade carioca (SILVA, 2007:15)

Muitas pessoas inseridas no contexto abordado também não aprovam ou vêm friamente o uso do acessório. Oro (2001: 74) aborda essa questão no texto, “Neopentecostalismo: dinheiro e magia”, considerando “a questão do dinheiro e da magia no neopentecostalismo e os embates éticos que as suas práticas vêm ensejando”. A importância atribuída ao dinheiro pela maioria dessas igrejas é, de longe, o mais controvertido porque enquanto outras religiões têm uma relação ambígua e esquiva, as neopentecostais assumem um compromisso e atribuem sentimentos positivos com o mesmo, fazendo circular pelos templos um valor extensivo que varia entre milhões e bilhões de reais. Isto possibilita o investimento de tais igrejas em atividades assistenciais, “transferindo para elas as regalias

próprias das instituições religiosas, forçando assim, as fronteiras do campo religioso e suscitando questionamentos de sua relação com a sociedade e o Estado” (ORO, 2001: 77).

Elas podem ser vistas como empresas religiosas neopentecostais e possuem como condição indispensável ao sucesso econômico, a saber: a eficiência da gestão financeira. Tal situação pode ser vista como contribuição para construções de templos e moradias em diversos lugares além de um meio de sobrevivência aos seus membros.

Partindo para outro ponto, que diz respeito à essa abordagem, o pensamento de Conceição (2015: 91-92) de que “diversas foram as doenças que assolaram as populações do Recôncavo Baiano, sobretudo no século XX”, alguns indivíduos atribuem a origem de algumas delas aos ares pesados que envolviam essa região. Enfermidades como cefaleia, erisipela, ar do vento, espinhela caída, mau-olhado e tantas outras requerem de rezadeiras e rezadores a posse de determinados conhecimentos a fim de revitalizar o corpo, marcado por elementos físicos e simbólicos.

Nesse sentido, as rezas com ervas na comunidade quilombola de Baixa Grande será abordado neste trabalho a partir do conhecimento da senhora Maria da Conceição ou D. Sila, como popularmente conhecida. Ela é a rezadeira mais procurada da comunidade, algo que legitima o seu conhecimento à respeito do assunto. Este estudo partirá também do conhecimento do rezador Miguel, filho de D. Sila. Há uma preocupação manifesta por esse rezador a respeito da ausência de pessoas que possuem este conhecimento tendo em vista que, na comunidade, são poucas/os aquelas/es que rezam, sabendo que o número de pessoas que tem o domínio sobre o ofício, calcula-se atualmente cinco, incluindo os citados. O rezador Miguel afirma ter escrito as rezas em um caderno para que, caso haja necessidade, seus filhos possam continuar com o ofício. Partindo desse pressuposto é possível, assim, indagar acerca da educação patrimonial, que é de fundamental importância para as comunidades tradicionais.

Compreendendo a ideia de Dias (2007) sobre o saber milenar, que:

Ao longo do tempo oferece significativa contribuição para a construção de um novo olhar em busca da humanização das relações no contexto da saúde, embora muito desse saber tenha sido desconsiderado com a institucionalização do cuidado. Diante da diversidade do universo cultural que envolve esse saber, considerando uma prática de solidariedade, um dom de Deus, conhecer e respeitar é condição fundamental para uma aproximação real entre o saber popular e o saber científico (DIAS, 2007: 476).

Temos que, do século XVI ao XVIII, “a igreja católica entrou no campo da saúde curando através de assistências de caridade e de rituais de exorcismo” (RAVAGNANI, 1985: 227), encontrando desafios e resistência advindos de pessoas que confiavam em poderes sobrenaturais. Com o surgimento de novas formas de cuidar das mazelas do corpo e da alma, no século XVIII, o aumento do poder da ciência, o conhecimento criptografado em livros da medicina visando estabelecer a ordem e elevação do poder medicinal, na sociedade, aqueles homens e mulheres que realizavam a prática de rezas viviam socialmente sofrendo perseguição, opressão, rejeição entre outros aspectos que as desamparavam. Em contrapartida, apesar dos avanços temporais, a cultura das rezas persiste em nossa sociedade. Outro fator importante é a forma com a qual estas pessoas aprendem tal conhecimento e transmitem, chamando a atenção para o meio de convivência que mantiveram com seus antepassados.

Nesta monografia, o contexto escolhido refere-se à um campo pouco explorado entre os objetos a serem estudados em pesquisas acadêmicas feitas na comunidade. Existe uma escassez no olhar de pesquisadores/as, que se volte para o patrimônio cultural de comunidades quilombolas, ligado à falência de fontes referenciais capazes de abordar a questão dos símbolos da herança africana no Brasil, que tenham alguma relação com as religiões afro-brasileiras. Especificamente as pesquisas realizadas nesse campo estão voltadas para questões relacionadas à agricultura familiar. De modo positivo, pesquisadores que se interessam em investigar sobre a história da matriz africana e cultura afro-brasileira, tendem a recorrer às fontes orais, uma fonte muito rica de informações que também é utilizada neste trabalho. A comunidade quilombola de Baixa Grande está situada no município de Muritiba, no Recôncavo Baiano. O objetivo principal da monografia consiste em registrar o ofício de rezas com ervas presente nessa comunidade.

Enquanto filha deste território comunitário e diante de minha convivência coletiva, esta pesquisa engajada corrobora para o aprofundamento de ideias e questionamentos capazes de serem defendidos na área da museologia, a partir de um olhar que tece críticas referentes às práticas e os possíveis embates que desfavorecem a cultura local. Alberti (2012: 163) afirma que “o conhecimento histórico é condicionado pelas fontes que temos - ou melhor, pelas perguntas que fazemos às fontes que temos”. Não há uma outra forma de aproximarmos do passado. Metodologicamente, a linha de base para dar o primeiro passo à pesquisa, foi a realização de um questionário contendo 27 perguntas, a fim de entrevistar D. Sila¹ e seu filho, Miguel² além de vozes como a do senhor Anacleto³ e a senhora Hermínia⁴.

¹ Maria da Conceição, 75 anos, rezadeira pertencente a comunidade.

² Miguel Conceição do Vale, rezador pertencente à comunidade.

Recorri também às fontes orais registradas, desde 2015, em vídeos e anotações, sob responsabilidade dos membros do Coletivo Chico Vêi⁵, entre elas: o senhor Donato⁶; a senhora Clementina⁷; o senhor Veríssimo⁸ e; a senhora Antonieta⁹. Além disso, realizei buscas referenciais a documentos de terras de N° 185.810, sob propriedade particular do senhor Clemente¹⁰, além de revisão documental a partir de livros e artigos disponíveis no google acadêmico. Durante o desenvolvimento das entrevistas foram produzidos materiais como vídeos, a fim de auxiliar na análise do ofício em relação à: posição; gestos; preparativos; duração; horários; tipos de rezas; de ervas; benzimentos; o destino das ervas após as rezas; os dias, tempo, clima, expressões e locais das rezas; trajes e objetos usados. Os áudios tiveram maior função no desenrolar da pesquisa devido ao fato de possuir maior alcance na apuração das palavras.

Foram realizadas ainda anotações bem como a transcrição dos vídeos e os áudios. No decorrer do tempo de pesquisa, registrou-se a dificuldade em permanecer na residência da rezadeira até que os doentes a procurasse. De certa forma, esse empreendimento não funcionou pelo fato de que D. Sila não desenvolve o ofício com frequência hoje em dia. Um dos motivos pode ser referente à situação de que as pessoas não recorrem tanto à ela, mas ao rezador Miguel. Mas, mesmo que este reze com frequência, não foi fácil acompanhá-lo pelo fato de que muitos o solicitam para ir até suas casas, outros vão até o seu trabalho e, alguns até são rezados no caminho ou procuram um lugar apropriado a fim de realizar o ofício. Por fim, optei por uma forma de acesso à essas rezas de maneira que os dois rezadores preservassem a essência de seus ofícios. Quando D. Sila reza, fala abertamente para que todos possam ouvir. Perguntei-a se não haveria problema exprimir as palavras em voz alta, ela respondeu que não, pois sua madrinha rezava em voz alta para que ela pudesse ouvir, então, reproduz da mesma forma as suas preces.

O rezador Miguel, por sua vez, pronuncia as palavras em voz baixa. Em razão disto, a transcrição dos áudios foram dificultadas em razão de não conseguir ouvir determinadas

³ Anacleto Bispo dos anjos, 78 anos, pertencente à comunidade.

⁴ Hermínia Gonçalves dos Santos Cerqueira, 54 anos, pertencente a comunidade.

⁵ Grupo de pesquisa formado na comunidade em 2015, com intuito de colher dados para a comprovação enquanto comunidade remanescente de quilombo diante a Fundação Cultural Palmares.

⁶ Donato José dos Santos, pertencente à comunidade (falecido), entrevista concedida ao coletivo Chico Vêi em 2015.

⁷ Clementina José dos Santos, pertencente à comunidade (falecida), entrevista concedida ao coletivo Chico Vêi em 2015.

⁸ Veríssimo Romão de Souza, 93 anos, pertencente à comunidade, entrevista concedida ao coletivo Chico Vêi em 2015.

⁹ Antonieta de Souza da Silva, pertencente à comunidade, entrevista concedida ao coletivo Chico Vêi em 2015.

¹⁰ Clemente José dos Santos, pertencente à comunidade (falecido).

palavras das rezas. No entanto, este pode ser considerado um desafio de pesquisa que leva a encontrar soluções concretas para se compreender o objeto, demonstrando a autenticidade do mesmo, fazendo com que seja necessário percorrer por caminhos precisos a fim de superar os obstáculos da pesquisa. A estratégia utilizada, então, foi focalizar nos gestos e outros aspectos que as imagens fotografias e vídeos são capazes de transmitir, mantendo-se o propósito de rastrear as palavras das rezas com D. Sila.

Desse modo, as gravações foram realizadas com ambos, contudo, as palavras das rezas foram mencionadas por esta tanto nos momentos em que rezava para alguém quanto na ocasião de entrevista. Os participantes que foram benzidos pelos rezadores foram: Angélica¹¹, que sentia dores de cabeça; Joilson¹² e Luan¹³, que foram rezados para retirar mau-olhado. Estes estão descritos no capítulo 3. Procurei colher relatos de pessoas da comunidade, os quais sempre mantiveram relações coletivas a fim de evitar insinuações vistas como “pontos de vista”. As informações prestadas neste documento são construídas através de narrativas verídicas como afirma Alberti (2012), em momentos que aconteciam o diverso, irregular e o acidental. Em relação ao registro das imagens das ervas que estão contidas na monografia, usei fotografá-las do quintal de casa.

1.1. Por que documentar?

De acordo com a UNESCO, “o patrimônio cultural imaterial ou intangível compreende as expressões de vida e tradições que comunidade, grupos e indivíduos em todas as partes do mundo recebem de seus ancestrais e passam seus conhecimentos a seus descendentes” (UNESCO, 2016 apud FLORESTA, 2016: 2). Essa definição está alinhada com o pensamento de Chagas (1994), que compreende o documento como aquilo que ensina ou que pode ser utilizado para ensinar algo a alguém. O ensinamento, como se sabe, não é derivado e não está embutido no documento, ele brota, surge a partir da ligação que se pode preservar com o testemunho. Por outro lado, o documento é compreendido como “suporte de informações” que só podem ser preservadas e restauradas através do questionamento. Cada objeto nasce e realiza sua respectiva função a partir do olhar que é lançado sobre ele, o qual possibilita possíveis interrogações, podendo transformá-lo em documento. O documento é,

¹¹ Angélica Rodrigues de Oliveira, 46 anos.

¹² Joilson Fíuza dos Santos, 26 anos.

¹³ Luan Santana Rodrigues, 07 anos.

depois de tudo, um pilar de informações decorrente da memória que, por sua vez está sujeita ao esquecimento pela sociedade.

Atualmente existe um grande apoio da UNESCO com ações inovadoras a favor dos conhecimentos tradicionais transmitidos pela oralidade (BÂ, 181:1982) desse modo, é possível considerar as representações da memória como especificidade de representação social. A recordação está viva e presente entre nós, mas não é estável e, tampouco se encontra em estado de “equilíbrio e tranquilidade” (MENESES, 1999: 11). Para Pelegrini e Funari (2017: 1) bens culturais imateriais são as “expressões máximas da alma dos povos, conjuga memórias e sentidos de pertencimento de indivíduos e grupos, evidentemente fortalecem os seus vínculos identitários”. Além disso, a convenção para a salvaguarda do Patrimônio Imaterial/UNESCO – 2003, conceitua o Patrimônio Imaterial como:

As práticas, representações, expressões, conhecimentos e técnicas - junto com os instrumentos, objetos, artefatos, e lugares culturais que lhes são associados - que as comunidades, os grupos e, em alguns casos, os indivíduos reconhecem como parte integrante de seu patrimônio cultural. Este patrimônio cultural imaterial que transmite de geração em geração, é constantemente recriado pelas comunidades e grupos em função de seu ambiente, de sua interação com a natureza e de sua história , gerando um sentimento de identidade e continuidade e contribuindo assim para promover o respeito a diversidade cultural e a criatividade humana (UNESCO, 2003: 5).

Compreendendo o objeto como parte da cultura imaterial do povo da comunidade quilombola de Baixa Grande, e dando por entendido que as práticas de rezas com ervas faz parte do saber fazer que são transmitidas por gerações, e parte das necessidades que formam a cultura tradicional daquele povo, resume-se a necessidade de guardar elementos capazes de prestar informações futuramente. Assim, a finalidade deste trabalho é registrar o ofício destas rezas presentes na comunidade a fim de preservar este conhecimento posto que a preservação está interligada a sobrevivência dos grupos humanos, de maneira cultural podendo investigar, manter, repetir e transmitir a gerações futuras.

1.2. Modernidade e tradição: o desinteresse dos jovens com o ofício.

“Escutar os mais velhos é um hábito africano ignorado”.

Silvia Nascimento (blogueira).

Este pensamento sobre o qual me debruço na epígrafe acima tem o sentido de dar prosseguimento às ideias apresentadas no texto de Adilbênia Freire Machado (2014), que trata da filosofia africana enquanto descolonizadora de olhares sob uma perspectiva de ensino étnico-racial. A autora discorre sobre o pensamento ligado à oralidade em comunidades tradicionais para uma construção histórica. O que sabemos hoje sobre nossos antepassados no que diz respeito às culturas africanas está fundamentado na oralidade e, mesmo que exista um fracasso no discurso oral entre famílias de comunidades tradicionais sobre a ancestralidade, as gerações presentes carregam consigo para as gerações futuras uma ausência de informação ligada à falta de conversas com os mais velhos.

Para Machado (2014), a filosofia africana reflete a importância dos mais velhos falarem e os mais novos escutarem. Esta filosofia transpassada pela ancestralidade africana tem como preocupação principal o indivíduo, a natureza e a comunidade, em relação de coexistência. Somé (2007) argumenta que a luz da tribo ou o espírito é onde as pessoas se reúnem para realizar um objetivo específico como ajudar os outros no propósito de cuidado mútuo. O objetivo da comunidade é assegurar que cada membro seja ouvido e consiga contribuir com os dons que trouxe ao mundo, de forma apropriada. Sem essa doação, a comunidade morre e o indivíduo fica sem um espaço para contribuir, fica sem comunidade. Ela é uma base sobre a qual as pessoas compartilham seus dons e recebem as dádivas dos outros.

Devemos levar em consideração o fato de que a filosofia foi utilizada durante séculos como meio de colonização, utilizando o seu poder como forma de menosprezo do outro, diferente, deixando-o à mercê. Sem que pudessem expressar o seu pensamento:

A filosofia fora usada para justificar e enaltecer a colonização e o imperialismo usurpando conhecimentos, inferiorizando os latino-americanos e principalmente, os negros africanos, posteriormente os afrodescendentes também (MACHADO, 2012: 3).

É nessa noção filosófica de África que ousou explicar o lugar que é colocado o pensamento de uma sociedade minoritária, descendentes de povos africanos, referindo-me aos heróis do cotidiano, os mais velhos de cada lugar ou aqueles cuja autoridade se expressa no direito de falar, pensar e criar.

Mas, por que levar a filosofia africana à sério nesta seção? Como já apresentado, enquanto descendentes destes, toda nossa cultura é consolidada na ancestralidade africana, por isso, trago questionamentos e críticas fundamentadas em um viés cultural, que está se perdendo no tempo. A veracidade do relato de D. Sila sobre o seu aprendizado do ofício de rezas com sua mais velha, madrinha, mãe de Santo, deixa explícito o que aconteceu há anos, durante a juventude, através da oralidade que lhe foi transmitida e é hoje protegida tanto por ela quanto por outros poucos rezadores. A ancestralidade se faz presente e precisa em sua fala, sendo confirmada a presença da oralidade enquanto principal fator em seu processo aprendizado.

Ela é compreendida como responsável por tornar imortal os ensinamentos de séculos, com as gerações passadas garantindo sua propagação para a posterioridade. D. Sila é detentora da oralidade e aprendeu com suas tias e madrinha, mulheres, filhas das primeiras famílias que viveram na comunidade e cultuaram de forma marcante um grande legado deixado por seus ancestrais, quando era ainda menina. O conhecimento particular de uma rezadeira é transmitido através de parentes próximos que dominavam/dominam os saberes das rezas – em geral, avós, mães e tias (SANTOS, 2009:15). Conceição (2015) afirma que, a benzeção assim como outras tradições pensadas pelo viés da cultura afro-brasileira e/ou africana, está intimamente ligada à palavra falada.

Nesse contexto, entra o questionamento sobre como a modernidade atual percebe a cultura ensinada pelos ancestrais, tendo como exemplo os mais velhos, que aprenderam quando ainda eram jovens e preservaram por bastante tempo? Essa é uma pergunta que requer um estudo aprofundado, pois, investigar o presente de uma comunidade entrelaçada em parentescos é uma ameaça à integridade, sobretudo, quando se fala do sujeito que nasce, vive, convive e passa a ser observador para tecer críticas, que podem não ser aceitas pela maioria. O tempo é o principal fator para nos dar esta resposta.

Acerca do desinteresse de jovens com o ofício de rezas na Comunidade Quilombola de Baixa-Grande, esta monografia conforma também como parte do objeto de investigação, relatos sobre observações pessoais relacionadas ao tempo que tenho vivido na comunidade, até aqui. A memória cumpre, então, o papel que é de guardar e lembrar, possibilitando questionamentos ambíguos e precisos, decorrente da história vivida, em particular. As

lembranças acerca de eventos ocorridos na casa de meus avós, não me trazem recordação alguma das conversas que dizem respeito à nossa ancestralidade, nem sobre como foi construída a nossa história.

Foram anos perdidos em não ouvir contar sobre nossa história. E, uma consequência, é o lugar que jovens ocupam hoje no quadro de desorientação sobre suas ancestralidades. O ingresso na academia possibilitou consigo a construção da história de meu povo, através de linhas de pesquisa tanto acadêmica quanto fora dela. Mas, não deixam de surgir questionamentos à respeito da cultura das populações de comunidade quilombola. Por meio dessa pesquisa surgiram pensamentos críticos acerca de como vivemos uma cultura imposta, mesmo sem perceber, com isso esquecemos do que nos valerá no futuro.

Hoje, tenho capacidade de ressignificar uma idéia de pensamento com outro olhar, contudo, a maioria dos jovens da comunidade ainda apresenta dificuldades em razão do fator colonização, que possibilitou o congelamento de raciocínio sobre nossa ancestralidade. De acordo com Machado (2012: 5), "Esse ressignificar o olhar implica valorizar o que somos, implica reconhecer o outro". Zilbermam (2006) define que a memória é encarregada de preservar conhecimentos adquiridos previamente, é experimentada pelo indivíduo e é acumulada em seu cérebro, utilizando-a quando preciso. A memória tem a capacidade de recordar, indo além do que lembra, pois está agregado o saber sobre o qual recorre quando necessário.

Quando se fala em memória coletiva, Schmidt e Mahfoud (1993) apresentam os trabalhos realizados por grupos sociais que se articulam e identificam lembranças comuns. Em decorrência deste trabalho compartilham coletivamente suas memórias, que são os "fatos antigos, as crenças e as necessidades espirituais do presente" (SCHMIDT; MAHFOUD, 1993: 292). É na memória comunitária que reconstruímos o passado e vivenciamos enquanto é ressignificado. É importante relacionar a memória nessa crítica sobre a modernidade porque, sem ela, não surgiriam tais questionamentos. Além disso, a memória tornou possível pensar sobre determinados fatores que foram responsáveis pelo desinteresse de jovens com o ofício de rezas na Comunidade Quilombola de Baixa-Grande. Se é que é possível apontar como desinteresse. Nisso, persistem os questionamentos, sendo que trago a questão religião para esse capítulo, sendo tratada nas subseções: 1.3 e; 1.4. da monografia.

Santos (2014) conta que, em 1540, foi criada a companhia de Jesus, favorecendo a chegada de religiosos no novo mundo, em 1549, adotando métodos de catequese visando converter a população nativa ao cristianismo, tornando:

Possível a formulação de uma estratégia de catequese que se acomodasse às circunstâncias e da qual se pudesse esperar resultados (...), a companhia de Jesus era uma ordem religiosa recém-fundada quando foi convocada a assumir a tarefa de converter os povos pagãos e gentios das terras recém-descobertas pelos navegadores portugueses (SANTOS, 2014: 33).

Num primeiro momento, a catequese foi o método aplicado aos indígenas que viviam nesta terra, porém, com a chegada dos povos escravizados de África ampliou-se, posteriormente, para ambos os povos. Esta ordem vigorou até 1758, quando aconteceu a abolição administrativa de missionários nas aldeias, porém, atualmente, a catequese ainda está presente como contribuinte no seguimento da vida religiosa de crianças da comunidade abordada. A catequese se fez/faz presente na vida da maioria dos moradores da comunidade de Baixa Grande. Aqueles que nasceram de pais adeptos do catolicismo, foram catequizados de acordo com os preceitos da vida cristã católica.

Atualmente, a massa de jovens com faixa etária entre 15 a 35 anos passou pelo processo de catequização. Refiro-me a essa faixa etária porque muitos dos que, hoje, praticam outras religiões já fizeram, no passado, parte do catolicismo. Mesmo que não fossem praticantes, compreendiam como uma obrigação essa prática religiosa de catequização. Já, entre aqueles da faixa etária de 0 a 15 anos, não é possível fazer a mesma afirmação, pois os estabelecimentos de igrejas evangélicas vêm acarretando uma diminuição entre catequizados pela igreja católica, na comunidade. O batismo é apresentado como primeiro sacramento conferido aos adeptos, de acordo com a doutrina católica. Com a idade de cinco anos, a criança é posta numa catequese, sendo preparada para a 1ª comunhão e, posteriormente, a Crisma ou confirmação do batismo.

Como a crisma acontece, em geral, na adolescência, na Comunidade Quilombola de Baixa Grande além de outras comunidades da paróquia de São Pedro, existe um grupo de jovens que possibilita a continuação da juventude na igreja, seguindo a vida Cristã. Isso explica o fato do esquecimento de preservar a memória ancestral, melhor entendido como apagamento do legado deixado pelos antecessores. Enquanto se doam para ouvir apenas sobre a vida que devem levar enquanto cristãos, não se colocam à disposição de conhecer os elementos tradicionais. Nesse sentido, não vejo outra forma de defender este pensamento que não seja por esta perspectiva.

Outros fatores como a tecnologia avançada sobre a qual este grupo tem acesso de forma precoce e a mídia, são responsáveis por esse desinteresse. No final do século XX não havia tanto acesso aos meios de comunicação como agora, no século XXI. A cada dia a

tecnologia de informação está mais acelerada e mais desejada pelos jovens. A influência da televisão, dos computadores e aparelhos celulares vem estabelecendo parâmetros para modernidade ficar “antenada” à globalização digital. O avanço da tecnologia e a expansão do acesso às redes sociais ampliaram a conectividade entre indivíduos em busca de novidades e interesses diversos através de jogos, Facebook, Whatsapp, novelas, filmes etc. Tudo isso faz com que a juventude contemporânea viva despreocupada de assuntos mais sérios.

O que vemos é que as crianças do início do século XX, apesar de possuir menos “regalia” para falar e ouvir os mais velhos tinha mais chance de aprender com eles, pois na hora de ouvir e falar eram solicitados. Com o passar dos anos, as possibilidades de crianças conversarem com os mais velhos e de ouvirem as conversas foram se restringindo à educação de beijo ou seja, o ato de ouvir e falar, só com permissão dos pais. Sempre escutei meus pais e avós falarem que, antigamente, quando seus pais recebiam visitas em casa, sendo crianças, eles não poderiam passar entre os mais velhos muito menos ouvir ou dar palpites nas conversas. Já, em tempos modernos, a referida regra não se aplica tanto.

Quando a rezadeira D. Sila relatou ter aprendido a rezar com sua mais velha, ainda criança, remeteu a um sentimento de autorização ou seja, a mesma tinha que estar naquele local para ouvir e aprender. Nesse momento entra o fator da oralidade, responsável por transmitir o que uma velha senhora falava para uma jovem criança ouvir e guardar até sua velhice. O rezador Miguel também mostrou sua preocupação sobre esse caso, argumentando a falta que sente de pessoas que não possuem qualquer conhecimento com o ofício, tendo em vista que na comunidade são poucas pessoas que rezam. Ele disse ter escrito as rezas no caderno, pois se um dia houver a necessidade, seus filhos poderão desenvolver o ofício. É notório e costumeiro o registro da presença do filho do rezador em alguns momentos da realização de seu ofício, algo que trouxe um fio de esperança de que a herança não morra aqui.

1.3. Presença do Neopentecostalismo¹⁴ e a negação do sincretismo religioso católico

Entre as várias modificações ocorridas nos últimos anos no campo religioso brasileiro, figura uma demonstração explícita de intolerância religiosa (SOARES, 1990 apud ORO,

¹⁴ Neopentecostalismo é um termo aplicado ao pentecostalismo de segunda e sobretudo de terceira onda. É especialmente representado no Brasil pelas Igrejas Universal do Reino de Deus e Deus é Amor (ORO, 1997:1).

1997). É certo que as religiões pentecostais¹⁵ se opõem àquelas originadas da cultura de matriz africana, as quais foram e continuam sendo perseguidas por esses oponentes. No que diz respeito à Igreja Católica Apostólica Romana, em concordância com Oro (1997: 1), “é bom lembrar que a hierarquia católica condenou abertamente as práticas religiosas dos negros”. Para Carvalho (2016):

O avanço das igrejas neopentecostais nas zonas rurais da região nordeste pode ser observado contemporaneamente em toda a região do Recôncavo da Bahia e ainda carece de estudos específicos (CARVALHO, 2016: 15).

Diante disso, enquanto sujeito da situação do meio social da comunidade quilombola de Baixa Grande, com o passar dos anos foram sendo estabelecidas construções de templos pentecostais, no quilombo. Entre moradoras e moradores da comunidade, que não se autodenominam católicos, alguns se inserem nas igrejas neopentecostais. O fluxo de pessoas que mudam de uma crença para outra é constante, o que eleva o risco de descrença na cultura da religiosidade popular local, sobretudo quando se fala de rezadeiras, banho de folhas, chás etc. Além da igreja católica, atualmente, são encontrados dois templos evangélicos, sendo das: Igreja Adventista do Sétimo Dia e Assembleia de Deus.

A adventista fora inicialmente construída por uma moradora da comunidade quilombola que, após algum tempo fora, ao retornar para o local possibilitou o estabelecimento do templo. Não se trata de uma igreja muito frequentada, pois encontra-se na maior parte do tempo fechada e, quando acontece algum culto, é liderado por fiéis desconhecidos. Mas, ainda que seja uma ameaça aos costumes da cultura local, compreende uma visão diferenciada por parte de uma praticante da mesma, no que diz respeito ao ofício de rezas com ervas. Em uma entrevista realizada com a senhora Hermínia, nativa da comunidade, ela se define enquanto evangélica adventista do sétimo dia, relatando não ter nascido nessa religião, mas na católica onde foi praticante por algum tempo. Conta que obteve conhecimento sobre as rezadeiras da comunidade e também que sua concepção acerca do ofício de reza é de foro íntimo.

Disse que já não procura mais “se rezar”, mas não emitiu opinião contrária, de reprovação, em relação àqueles e aquelas que recorrem às rezadeiras e rezadores. Segundo a S. Hermínia, “São palavras colocadas em nome de Deus e não faz mal a ninguém”. No seu ponto de vista sobre o ofício enquanto Patrimônio de Baixa Grande, defende que as rezas

¹⁵ “Crença religiosa baseada em atributos espirituais referidos no novo testamento, como, por exemplo falar línguas desconhecidas” (dicionário online de português).

foram construídas sob o viés de preservação à cultura local, por isso, devem prosseguir dignas de respeito. Foi possível observar uma ligação que a mesma fazia com o ofício de rezas em relação ao catolicismo, durante sua fala. Desse modo, enquanto elementos de uma cultura, não é possível ignorar a ideia de que a religião estabelece uma reunião de aspectos de origens variadas, ainda que estejam em constante transformação.

De acordo com Conceição (2015):

Em vista dos aspectos sinalizados, nota-se que pensar rezadeiras e rezadores como indivíduos integrantes do recôncavo permite refletir em torno de práticas culturais recorrentes nesse espaço territorial, um laboratório de experiências humanas (CONCEIÇÃO, 2015:70).

Também construída por uma moradora da comunidade, a Igreja Assembleia de Deus já é mais frequentada, contudo, dentre estes foram poucos os moradores que decidiram mudar de crença. Mesmo porque, em sua maioria, muitos já não frequentavam a Igreja Católica ou eram aqueles que, para os Católicos praticantes, são considerados desvirtuados da fé Cristã.

Esta mudança de fé pode ser atestada a partir do descaso com os Santos Católicos, tendo em vista que estes neopentecostais tinham seus Santos e os discriminaram, dando fim com dizeres de que já não lhes serviam mais. Mas, ainda tem os praticantes desta fé que frequentam outras igrejas fora da comunidade. O fato é que a influência do neopentecostalismo está ligado também à Igreja Católica situada na comunidade quilombola em razão da Renovação Carismática Católica - RCC. Tenho percebido que, após a origem desse movimento nas igrejas da localidade, a intolerância tem perseguido a cultura do ofício das rezas com mais intensidade.

O que certifica esta afirmação é a prova explícita de não participação desses indivíduos em atividades realizadas coletivamente, na comunidade. Diversas vezes colocamos em foco práticas culturais como capoeira, samba com cantos e rezas aos Santos devotos: São Cosme; Santa Bárbara; São Roque etc. Nota-se também a negação frequente em se envolver até mesmo dentro da Igreja Católica, geralmente as orações feitas por estes envolvem o Sacrário por meio da Santíssima Trindade, a devoção à Maria e obediência à hierarquia da Igreja Católica Apostólica Romana, evitando-se uma exaltação aos Santos ligados ao Sincretismo religioso.

Roger Bastide (1985) questiona qual lugar ocupa o escravo nessa religião patriarcal? Na escravidão antiga, o sujeito era integrado à família de seu senhor através da cerimônia religiosa, já na escravidão colonial o escravo passou a representar valor econômico, porém, a

semelhança do tipo familiar, o patriarcalismo trouxe tonalidades que se opõe de forma fundamental quando se faz uma aproximação entre o “escravo brasileiro do escravo grego ou romano; porque ele também, numa certa medida, está integrado à família e, por conseguinte, a seu culto” (BASTIDE, 1985: 157-158).

Mas, a solidariedade doméstica não impediu a diferenciação racial e social, donde a separação do catolicismo do branco e do negro, aconteceu. À esse respeito, lembro-me de quando criança ter participado nas rezas de São Cosme e São Damião, onde os rezadores ofereciam caruru, pipocas, refrigerantes entre diversos comes e bebes na confraternização. Fui uma das sete crianças que se sentou na roda de sete meninos, principalmente, nas devoções de meu avô paterno que rezava durante nove dias no mês de dezembro para o seu Santo, a quem tinha devoção. Descrevendo com maior expressividade, geralmente as rezas ocorrem na casa dos devotos; já tendo convidado os parentes, amigos e vizinhos para ajudar-lhes com a ladainha ou ofício, estes devotos se posicionam em frente ao “altar doméstico”, como descreve Bastide (1985), onde tem sempre uma ou duas rezadeiras para iniciar a ladainha enquanto as demais pessoas ajudam em coro.

Durante o processo da reza, retira-se o bendito ao Santo assim como o senhor Deus e, posteriormente, abre-se a roda para o samba onde na maioria das vezes acontece a chegada de Caboclos e Orixás, em pessoas específicas que recebem as entidades. Ressaltando ainda que existe uma maneira peculiar no samba de roda dessa população, as pessoas que não tem invocação a Caboclos e Orixás se fazem naturalmente presentes na roda a fim de prestigiar as divindades de alguma forma, seja sambando ou cantando ou batendo palmas ou ainda, apenas observando. Esta é uma outra situação que merece indagação e diz respeito ao compromisso de pessoas que abandonaram suas devoções ou substituíram por outras.

Um fator observado se refere à insurgência de rezadeiras que antes faziam rezas, mas hoje exercem forte negação. Algumas daquelas que antes eram convidadas a rezar um ofício ou ladainha na casa do vizinho, já não prestam mais esses serviços. Bastide (1985) reconhece:

Que é impossível arrancar do coração dos africanos os costumes e as cerimônias que “beberam com o leite de sua mãe” e que seus pais lhes ensinaram; (...) entre mil negros, há talvez um que siga voluntariamente o cristianismo; entre todos os outros, este é imposto de fora, um simples verniz superficial (BASTIDE, 1985: 183).

É possível afirmar que o sincretismo existe na comunidade ainda que exista uma forte negação por parte de muitos ali.

Por isso, quando nos referimos à população negra é preciso afirmar que, entre as tantas discriminações que alguns sacerdotes convidados a celebrar missas provocam diante da fé dos fiéis presentes na igreja de Santo Antônio, padroeiro da comunidade, estão presentes de forma enraizada os costumes culturais, com suas manifestações religiosas, onde o culto aos Santos devotos está sistematicamente vivo enquanto forma de resistência com o ofício de rezadeira com ervas. Hoje, para fazer parte dessa cultura que valoriza e preserva as rezas com ervas nas casas regadas a sambas além da presença farta de comidas típicas como, caruru, este que contém azeite de dendê, trata-se de um desafio às pessoas que frequentam esses locais.

Isso porque a intolerância a esses elementos se faz presente nas preces e pregações que acontecem na igreja de Santo Antônio. Para Bastide (1985):

A resistência da civilização e da religião africana não pode todavia impedir a ação do meio católico ambiente e essa civilização ou essa religião não puderam subsistir senão se sincretizando mais ou menos profundamente com o cristianismo (BASTIDE, 1985: 157).

A capela de Santo Antônio é um dos locais de maior referência para ocorrer encontros das famílias da comunidade Quilombola de Baixa Grande. As missas que ocorrem são frequentemente celebradas pelo pároco do município nas pregações, contribuindo assim com esta observação quanto o seu manifesto em favor das rezas contra o olhado, já que o mesmo, muitas vezes, afirmou estar sobrecarregado.

O posicionamento do mesmo a favor do ofício faz com que os praticantes da fé católica duvidem de seu potencial enquanto sacerdote fiel. Ao procurar uma rezadeira que possa lhe rezar no âmbito católico este lança um desafio contra a si mesmo diante daqueles indivíduos, que questionam o fator ser padre ou ser a favor da religiosidade popular. Padre José em depoimento a Conceição, emite “sua opinião acerca da importância e da eficácia das benzeções, inserindo-as numa manifestação de fé pertinente e necessária para levar tranquilidade física e espiritual àqueles que delas precisam” (Conceição, 2015:69). Em respaldo, faço alusão a autora referente a narrativa que aborda tal questão.

Conceição (2015) apresenta uma fala consistente do pároco da Igreja a respeito do ofício das rezadeiras:

Mas, eu achava interessante também, agora a oração sempre faz bem, onde estar o nome de Deus. O próprio Jesus [...] quando mandava os apóstolos ele dizia: os apóstolos teriam que por as mãos nos doentes e eles ficavam curados, a questão da

fé, quem não tem fé, não tem oração que tenha sentido nenhum. Aliás, não tem nada sem sentido, eu gosto muito, eu respeito muito, essas manifestações de fé no Recôncavo eu convivo a vida toda com elas, respeito, tenho meu ponto de vista como padre, no caso dessas Rezadeiras elas são ótimas são excelentes e tem uma fé imensa, elas rezam realmente colocam o nome de Deus naquilo que faz eu acho uma maravilha isso, precisaria ser estudado, né! Naquela época alguém ter estudado, ter escrito alguma coisa porque tá passando, você não acha mais, a vó rezava de olhado, a filha entende um pouco, mas não sabe mais a neta nem tá aí! E essas coisas vão morrendo, essas coisas vão morrendo [...] (Ibid.).

É notória a preocupação que o padre manifesta no que diz respeito ao esquecimento desse ofício das rezadeiras. Desde o seu ponto de vista, o melhor caminho para a preservação desse conhecimento é o estudo, caso contrário, pode se acabar.

1.4. Religiosidade e tradição: herança cultural e a devoção a santos protetores.

O candomblé também era um patrimônio da comunidade quilombola de Baixa grande, posto que se tratava de uma cultura que não foi preservada. De modo geral, as religiões de Matriz Africana sempre foram perseguidas ao longo de sua existência, vítimas das mais perversas formas de perseguição por parte de algumas religiões cristãs. Não obstante, não devemos considerar esse motivo como fator responsável pelo extermínio do terreiro na comunidade em questão, mas como justificativa para os elementos de ameaça a esses templos marginalizados. A rezadeira D. Sila contou que ia para o terreiro de sua madrinha Jadú, uma mãe de Santo a qual muitos da comunidade conheceram e conviveram.

Apesar disso, poucos falam de mãe Jadú e da existência desse terreiro. Durante a pesquisa, ela foi constantemente citada por D. Sila e até lembrada por outros com quem cheguei a conversar. Ela diz que, quando a madrinha rezava para alguém, ficava próxima ouvindo-a pronunciar as palavras, com isso aprendeu as rezas e as conservou. Apesar dela ter dito diversas vezes já ter participado em procissões e missas, não se isentou em dizer que nunca participou dos cultos candomblecistas. A entrevistada conta que, lá na casa de Mãe Jadú, havia sempre os dias das rezas e os sambas eram marcados para comemorar os festejos à noite, com muita comida e bebida:

A gente dava, assim..., era...era licor, era *vim*, cachaça, hoje em dia que não tá dano esse *negoço mai* de cachaça. O povo *num tá importano mai*. Era cachaça, *vim*, licor. Era uma *buniteza* (D. Sila - rezadeira entrevistada em 05/10/2018).

D. Sila desmontrou segurança quando afirmou sobre a existência do terreiro e a participação das pessoas da comunidade:

Tinha, tinha, ali, tinha. Chegou um curador *tomem*, chamava Zé da caatinga, ele morou ali onde mora uma *fia de Neclito* (...). Ali chegou um candomblé chamado *Jusé*, a gente ia *palí* era uma festa *bunita*, era uma festa *bunita*, a gente sambava, era tudo. Era *cariru*, era reza, era... era *cuntumbé*, era *candombé* até o dia *manhecer*, *tomem* era *bunito*, isso tudo era *bunito* (D. Sila - rezadeira entrevistada em 05/10/2018).

Conforme relatos, as festas no terreiro de Mãe Jadú eram frequentadas pela maioria dos moradores de Baixa Grande. Em tom afirmativo, ela diz: “Jadú fazia festa de Candomblé!” (D. Sila - rezadeira entrevistada). Edenciando o quanto era forte a natureza de sua existência. Com base em seus relatos, a casa de culto ficava situada no topo da ladeira da lagoa, onde concentravam-se as residências de alguns dos primeiros moradores da comunidade, próximo à fazenda de Francisco José dos Santos.

As narrativas analisadas até dão conta de que S. Francisco foi o primeiro morador do quilombo. Isso pode ser sustentado a partir dos relatos coletados por diversos moradores além de pessoas que o antecederam, no local. Não foram contadas narrativas anteriores à chegada destes. D. Sila ficou conhecida no terreiro que infelizmente já não existe mais. Por esse motivo, não é desprezada a possibilidade de que resquícios ainda estejam presentes no local, algum elemento que prove a sua existência além dos relatos orais. A devoção a Santos católicos, consequentemente, não está mais assim tão viva entre as gerações atuais, apesar de existir ainda na cultura. Em uma entrevista feita pelo coletivo Chico Vêi à D. Clementina, moradora da comunidade em 2015, a depoente relatou alguns nomes de santos que foram deixados pelos antepassados aos parentes de membros da comunidade.

Dentre os Santos, mencionou: Nossa Senhora do Livramento; Santo Antônio; Coração de Jesus e Nossa Senhora da Conceição. Disse ainda que, estes Santos foram levados por cada um de seus parentes que se comprometeram a levar a devoção adiante. Vale salientar as ladainhas de São Cosme e São Damião que, D. Clementina, seus primos, parentes e outros moradores da comunidade realizavam e realizam, em suas casas, com os carurus de sete meninos e os sambas de roda, ocasiões em que aconteciam e acontecem os

momentos de invocação aos caboclos e orixás. É possível ver nas rezas existentes na comunidade essa forma de culto, onde percebem-se naturalmente a presença desses elementos nos sambas de devoção realizados nas casas das pessoas:

A devoção a determinados Santos, por exemplo, é revelada e/ou construída de maneira particularizada entre rezadeiras e rezadores, uma vez que cada indivíduo possui uma justificativa singular para o início do processo de devoção a determinada entidade religiosa. Em certas ocasiões, uma promessa direcionada a um Santo específico constitui motivo mais que suficiente para o firmamento de um pacto entre as esferas envolvidas: santo e fiel (CONCEIÇÃO, 2015: 119).

Figura 01 - Quadro da Imagem de Santa Bárbara na parede da casa de D. Sila



Foto: Antônia F. dos A. dos Santos (arquivo pessoal)

A história sobre a construção da capela de Santo Antônio não é isenta de ter grande relevância, a narrativa contada por uma moradora, a S. Antonieta, em 2015, diz que a capela foi construída após o pedido de um antepassado que, em vida, rezava em casa as treze noites e, pelo motivo de ninguém ter assumido a sua devoção, após sua morte, veio em sonho à uma conhecida e pediu-lhe que a família não deixasse a sua devoção. A capela foi construída em 1982 e, nos dias atuais, a comunidade leva consigo esse compromisso:

Figura 1 - Capela de Santo Antônio



Foto: Antônia F. dos A. dos Santos (arquivo pessoal)

Todos os anos, no mês de junho, é comemorado os trezenários do Padroeiro Santo Antônio. Começa no primeiro dia e se estende até o dia treze, finalizando-se com a Santa missa, em louvor ao padroeiro. No dia doze é acendida uma fogueira em frente à capela como simbologia ao dia dedicado ao Santo. Nota-se, a necessidade de manter as devoções dos antepassados devotos aos Santos, sem que haja um rompimento dessas alianças. Nesse sentido, percebemos a influência e sinais de diversas formas de práticas religiosas embutidas neste meio, o que entendemos de religiosidade popular.

Marta Abreu (2002) desperta acerca do sincretismo como:

Símbolo da resistência à opressão da Igreja Católica, a utilização do catolicismo por parte dos descendentes de africanos seria uma espécie de disfarce, ou mesmo máscara para esconder suas (pretensas) autênticas crenças e afastar a repressão (...) (ABREU, 2002: 84).

Desse modo, o sincretismo foi uma aliança com diferentes práticas religiosas e “também poderia representar a difícil integração entre ser africano e brasileiro, entre Orixás e

Santos Católicos” (Ibid.: 84). A fala de D. Sila rezadeira deixa explícito o presente aspecto ao interceder suas preces a Santos e Orixás:

Pedir à imagem de Bom Jesus da Lapa, Oxóssi, Ogum para tirar o mau daquela pessoa, qualquer imagem que a pessoa quiser chamar, não faz mal não (D. Sila - rezadeira entrevistada em 14/02/2017).

As rezadeiras carregam símbolos do meio religioso e espiritual, sendo a execução da benção uma forma de representação de sua vida.

Geralmente, existe um apego dos benzedores às práticas religiosas, fazendo com que a cura seja intercedida por Santos ou guias, tendo em vista que as práticas curativas "são sempre enfáticas no que diz respeito ao viés religioso” (CONCEIÇÃO, 2015: 98). A narrativa testemunha assim a afirmação de D. Sila sobre os Santos e orixás que possui como intercessores.

Capítulo 2. A comunidade Quilombola de Baixa Grande: fatores de organização e resistência

A comunidade Quilombola de Baixa Grande situa-se no Município de Muritiba, no Recôncavo da Bahia. Sua localização está dentre as comunidades que fazem parte do distrito de São José do Itaporã, na zona rural do município. Na década de 1960, as poucas famílias de Baixa Grande ainda viviam em área isolada, com acesso restrito, onde não havia estradas como via para o tráfego até outras localidades. Só, em 1964, devido à necessidade de circulação de transporte com a finalidade de entrada de mercadorias para o pequeno comércio de moradores, foi aberta uma via de acesso principal na localidade. O depoente, Sr. Anacleto, nativo da comunidade, narrou sua experiência referente a esse processo do qual fez parte:

E a estrada, aqui era um lugar surdo, aqui não tinha estrada não, aqui o lugar era... só andava gente a pé e *mntado né*, em animal. A estrada foi eu que consegui, a estrada de Baixa Pique... Até Baixa Pequena tinha estrada. Foi em mil *novecentos* e sessenta e *quatro* (...). Aí, fiz a estrada, aí tinha uma... a finada tia Mariazé, que era tia de Benzim, só andava com o cacete na mão, valente que nem... (risos). Aí, Benzim fez lá um rolo, ô titia...! *Num* sei o quê! Não sei se era *cumpade*... Acho que *num* era não!... Aí, enganou lá a *véa*, e meti enxada: *mai* Benzim, e Féli, lávai, *fizemo* essa estrada aqui. De lá de cima passou aqui por minha vila, passou por Dinga, que era *pá pegá* o finado Catarino *pá leva pá*... *pá* consultar em Cruz das Alma, no jipe de Gibardo. Aí, até lá em baixo a gente foi *rancano bêra* de pau com picareta e *planiano* as terra... Aí, com esse *trabai* que a gente fez *pá* passa o jipe naquela época em Sessenta e *Quato*, *cumeçou passano camionete*, carro de... carroça. Aí, hoje tá estrada, *mutcha* gente passa, passa carreta e outros tipos de carro mais forte ainda, foi assim que a gente conseguiu a estrada, foi assim. *Negoço* de minha venda, que botei a quitanda e aí *pá* saí a mercadoria. Aí, *num* tinha que trazer no animal. Consegui conversar com Benzim. Benzim me deu, consegui. Isso aí, essa estrada é por *dento* de *muitas terra* dos outro aí, viu!? E, por isso, quem ficou do lado de cá, ficou. Quem ficou do lado de cá ficou, mas essas terras tudo aí era uma. Aí, por causa da estrada que passou, os donos perdeu o direito de... aí *sortou* as terras, mas tudo da família, Benzim, Neco, Palo, isso tudo aí era parente, aí ficou as terras dividida por essa estrada (Sr. Anacleto – morador da comunidade entrevistado em 13/11/2018).

A fala do senhor Anacleto expressa a necessidade de acesso a essa localidade para o possível meio de sobrevivência das famílias, o comércio foi o fator decisivo para a ampliação de estradas. É possível notar também, a resistência da senhora Maria José em concordar o

estabelecimento destas vias acerca de sua localidade, assim sendo necessário o diálogo partido de seu sobrinho a fim de um acordo da disponibilidade de parte de seu terreno para a abertura da via. A não aceitação seria uma forma de estratégia de segurança daquelas famílias que iam se ampliando. Conforme a narrativa prossegue, percebe-se que o senhor Anacleto exerceu uma carreira política significativa na comunidade. No ano de 1991, conseguiu puxar a rede de energia que tanto almejava desde os anos de 1980. Sobre suas conversas tidas à respeito de tal questão, com alguns políticos, disse:

Se tiver um candidato a deputado que botar essa energia aqui *ne* Baixa Grande, eu vou virar pé com cabeça e vou conseguir arrumar voto *pá* o candidato, se *botá* a energia *tamém* (...) (Sr. Anacleto – morador da comunidade entrevistado em 13/11/2018).

Após diversas tentativas, a energia foi inaugurada em 1992, com forças políticas do ex-prefeito Epifânio Marques Sampaio, possibilitando a candidatura de Anacleto como vereador, na eleição municipal de 1996. O Sr. Anacleto foi eleito como vereador pela primeira vez com mandato de quatro anos, neste ano, o ex-prefeito Humberto Oliveira Silva, em exercício, manteve sua candidatura juntamente com o vereador, possibilitando a construção da Escola Pedro Bispo dos Anjos, patrimônio da comunidade inaugurado em 29 de junho de 1998. É declarado na fala do Sr. Anacleto, que as escolas da comunidade funcionavam em várias casas das pessoas da localidade. Ele conta que um dos locais de funcionamento foi em sua propriedade, o armazém que foi dividido por quatro partes para a separação de salas em séries, que atendiam à educação de crianças da comunidade e também da região. Ele contou que eram quatrocentos meninos, sendo “duzentos de manhã e duzentos de tarde” (Sr. Anacleto – morador da comunidade entrevistado).

Atualmente, não se encontra nenhum representante da comunidade na câmara municipal, o Sr. Anacleto se reelegeu em 2000 e finalizou sua candidatura e carreira política, em 2004. Percebe-se que a história de luta política de Baixa Grande vem sendo configurada desde os primeiros moradores como forma de resistência na comunidade. As lutas dos moradores são reconfiguradas por gerações, mantendo de formas estratégicas:

Variadas e criativas maneiras buscaram modificar o rumo de suas vidas em meio a imprevisibilidade e aos limites impostos por uma sociedade que continuou assentada sobre profundas desigualdades sócio raciais (FRAGA FILHO, 2004: 17).

Na memória dos mais velhos que contam a história da comunidade, é recordado que o primeiro morador foi Francisco José dos Santos, conhecido por Chico Vêi. Não se sabe definitivamente o ano de chegada do primeiro morador na comunidade nem de que forma ele chegou e, se este chegou junto com outros parentes. Porém, com a análise dos relatos que remontam às décadas do tempo da escravidão, não se sabe ao certo se antecederam ou sucederam a este período.

Ressaltando que a abolição da escravatura foi efetivada no dia 13 de maio de 1888, atualmente, completa-se 130 anos de pós-abolição. Assim podemos entender sobre esta afirmação a partir do pensamento de Walter Fraga (...) que nos anos seguintes à abolição houve um movimento silencioso de libertos em direção às freguesias rurais mais distantes da lavoura de cana (Ibid.: 112). O que chama a atenção em Baixa Grande é sobre o porquê destes/as senhores/as, fixarem suas residências em lugares tão distante dos centros. Lugares citados como “matas virgens¹⁶” como recordam os mais velhos. As casas eram “uma no norte, outra no sul¹⁷” como diz os ditos populares. Para dar ênfase a este aspecto, é fundamental mencionar Alfredo Wagner Berno de Almeida (2011), que declara o quilombo como uma localização marcada pelo isolamento geográfico, em lugares de difícil acesso e mais perto de um mundo natural e selvagem do que da chamada “civilização”.

De acordo com os relatos dos moradores antigos, as primeiras famílias de Baixa Grande chegaram e se estabeleceram em lugares com meios possíveis de sobreviver. Estes residiam às margens da lagoa e, dali, tirava suas principais fontes de sobrevivência: a pesca; a água das nascentes para saciar a sede e outras necessidades; a farinha abstraída da mandioca e; a carne de porco. Em diálogo com pessoas da comunidade, é relatado que o plantio de arroz também se fez como meio de sustento para o consumo, sendo que este era consumido em apenas duas épocas do ano. No dia 20 de maio do ano de 2016, foi publicado no Diário Oficial da União pela Fundação Cultural Palmares, o título de auto-afirmação enquanto povo remanescente do quilombo de Baixa grande. Dos Anjos (2007:107) afirma:

O termo remanescente de quilombo hoje não se refere a resíduos ou resquícios de ocupação temporal ou de comprovação biológica. Também não se trata de grupos isolados ou de uma população estritamente homogênea. Da mesma forma nem sempre foram construídos a partir de movimentos insurrecionais ou rebelados, mas, sobretudo, consistem em grupos que desenvolveram práticas de resistência na

¹⁶ Diz-se das matas que nunca foram exploradas, continuam intactas sem derrubadas e nem queimadas.

¹⁷ Diz-se das casas distantes. Na época devido a extensão de terrenos construía-se casas distantes para o domínio destes.

manutenção e reprodução de seus modelos de vida característicos num determinado lugar (DOS ANJOS, 2007:107).

Muitas comunidades remanescentes surgiram após a abolição da escravatura por pessoas negras e livres que desenvolveram atividades em determinados espaços, e ali mantiveram perante sua sobrevivência. Para o reconhecimento presente, o Estado, como prova de existência e resistência destes povos organizados como grupo, enquanto praticantes da fé de seus cultos e as experiências compartilhadas, além da afirmação da cultura existente no âmbito em que vivem, se fez necessário o pedido de certificação a órgãos responsáveis como meio de reparação em massa. O pedido do registro partiu de moradores da própria comunidade que se reconheceram enquanto remanescentes e se auto definiram coletivamente enquanto negros e negras. A pesquisa foi realizada no ano de 2015, na própria comunidade com moradores mais velhos que relataram informações a respeito dos antepassados e através da memória e história oral, sendo aprovada pela fundação Cultural Palmares no dia 02 de maio de 2016.

Segundo o professor Kabengele Munanga (1996), o termo Quilombo é originado dos:

Povos de língua bantu (kilombo, aportuguesado: quilombo (...), o significado no Brasil é referendado aos povos bantu, que viveram nestas terras durante o processo do sistema escravocrata. Bantu é um termo de herança dos “estudos linguísticos ocidentais”, o qual indica “uma área geográfica” próxima “e um complexo cultural específico dentro da África negra (MUNANGA, 1996: 58).

Como afirma Munanga (1996), as histórias dos quilombos envolvem povos de diversas regiões, que tratam dos grupos lunda, ovimbundu, mbundu, kongo, imbangala, etc., cujos territórios se dividem entre Angola e Zaire. O mesmo faz ainda menção a Joseph C. Miller, que defende o “kilombo” como uma palavra de língua umbundu. Estes grupos construíram histórias de conflitos pelo poder, o domínio sobre os territórios e em busca de alianças com outros grupos. No século XIX, a palavra quilombo significava campo de iniciação na região de Benguele.

Aqui no Brasil, temos grande referência de quilombo, o “quilombo dos Palmares, situado no Estado de Alagoas, liderado por Zumbi, que ‘foi morto no ano de 1695’ (Ibid.: 63). Pressupõe-se que os negros escravizados trouxeram para as Américas a palavra ‘quilombo’, assumindo novos sentidos em épocas distintas e em várias regiões. O termo foi originalmente utilizado no Brasil para dar característica a um espaço de resistência ao sistema escravocrata.

Ao pensar nas formas de habitação buscando fundamentar de que forma os primeiros moradores dominaram este território que abrange o quilombo de Baixa Grande, o que sabemos são a partir das narrativas, que os senhores primeiros que chegaram às terras, dividiram entre si, “medindo a beirão”, ou seja, estes apontavam até determinado meio, a quantidade do terreno de cada dono. Estas terras foram passadas como herança, de pai para filho, sendo reconhecida e aprovada pelo Estado, no ano de 1991.

Ainda consta nos documentos de alguns proprietários herdeiros a quem tive acesso, a titulação dessas terras outorgadas:

À Clemente José dos Santos, qualificado no verso deste instrumento, título definitivo de uma área de terras de 13 ha, 25 a 60 ha, no lugar denominado Fazenda Baixa Grande Município de Muritiba Comarca de Muritiba com os limites e confrontações seguintes: Norte: Raimundo dos Santos Gonçalves, Nordeste: Félix Moura, Este: Vérisimo Romão de Souza, Sudeste: Manoel Gonçalves dos Santos, Sul: Pedro Gonçalves dos Santos, Sudoeste: Armando José dos Santos, Oeste, Noroeste: Donato José dos Santos.

Ressaltando que este documento é designado aos herdeiros da terceira e quarta geração que sucedem os primeiros moradores e, sabendo ainda, que estes citados são alinhados a apenas uma das famílias que predominam o território, esta titulação foi aprovada “tendo sido pagas as cauções da terra e mediação”. De modo amplo, as terras quilombolas de Baixa Grande são divididas definitivamente por meio particular para o cultivo agrícola das famílias.

Alfredo Wagner Berno de Almeida (2011) afirma que:

As chamadas terras de uso comum, que não correspondem às “terras coletivas”, no sentido de intervenções deliberadas de aparatos de poder, e tampouco correspondem a “terras comunais”, no sentido emprestado pela feudalidade. Os agentes sociais que assim as denominam os fazem segundo um repertório de nomeação que variam consoante as especificidades das diferentes situações. Pode se adiantar que compreendem, pois, uma constelação de situações de apropriação de recursos naturais (solos, hídricos, e florestais), utilizando-os segundo uma diversidade de formas e com inúmeras combinações diferenciadas entre uso e propriedade e entre o caráter privado e comum, perpassadas por fatores étnicos, de parentesco e sucessão, por fatores históricos, por elementos identitários peculiares e por critérios políticos-organizativos e econômicos, consoante práticas e representações próprias. Diante disto ficou aparentemente firmada esta expressão

oficial “ocupações especiais”, que designava, entre outras situações, as chamadas terras de preto, terras de santo e terras de índio (...).

Atualmente, as fontes de renda são bem maiores do que as dos tempos antigos onde não se tinha muita chance de comercialização.

Dos Anjos (2007: 107) afirma que “o processo abolicionista foi extremamente excludente e perverso com a população negra e afrodescendente brasileira”, o modelo de exclusão destes moradores é identificado principalmente a partir de análises feitas por mim a esta questão. Tempo atrás, em anos anteriores e posteriores a 1960, os moradores faziam suas vendas em localidades distantes como Cruz das Almas, Cabaceiras do Paraguaçu e Santo Estevão. Isto explica que, para uma possível melhoria de vida, os produtos produzidos nas plantações eram colhidos e extraídos para mais longe e eram transportados a jegue, sendo que na maioria das vezes o trajeto era realizado à pé. Só com o passar dos tempos foi que a situação de transportes teve melhorias.

Em dias atuais, os produtos extraídos das plantações das famílias de Baixa Grande, como a mandioca, o fumo, o amendoim, o milho, a laranja, o limão, a abóbora, a castanha, o feijão etc. são vendidos em maior parte aos atravessadores, os quais possibilita um maior desempenho com a negociação das vendas destes produtos. Em casos específicos como o fumo, são vendidos para as grandes empresas que trabalham com a exploração de tabaco; ainda as hortaliças, que quando produzidas ajudam com alimentação própria; a criação de animais, bovinos, suínos e aves que colaboram com a renda familiar. As famílias sempre mantiveram a sobrevivência se colocando a serviço de grandes proprietários das terras, tanto de comunidades vizinhas, quanto da própria comunidade.

O trabalho no campo, nas plantações, contribuiu com a renda familiar deste grupo, relata o senhor Donato ao coletivo Chico Véi, em 2015. Em seu depoimento, conta que a comunidade era sofrida e, quatro ou cinco cidadãos dominavam o povoado deixando as pessoas sem regalias, vivendo na falcatura. Conta ter melhorado “no pós revolução”, período em que foram abertos créditos para o povo trabalhar e até se aposentar. As pessoas “morriam de fome”, só a partir de 1974 foi que melhorou. A comunidade era constituída neste tempo por poucas famílias, disse saber que onde residia era o reduto de escravos, o Major Zezinho, que hoje fica nas localidades pertencentes à Cabaceiras do Paraguaçu. Faz Justificar a idéia de Fraga Filho (2004: 18) ao afirmar que, “As trajetórias individuais e familiares de libertos mostram de variadas maneiras, que as vivências da escravidão se projetaram sobre o período pós-abolição, definindo e orientando escolhas, atitudes, expectativas e projetos de liberdade”.

O Sr. Veríssimo reforçou esta afirmação em seus relatos quando disse que seus tios e avós trabalhavam em Major Zezinho, não recebendo nada em dinheiro, “trazia roupa, comida quando vinham em casa”. Estas afirmações possivelmente remontam os anos anteriores e posteriores a 1930. Apesar das falas remeterem aos tempos de escravidão, estes alegam não terem lembranças de marcas de maus tratos com os parentes que, possivelmente, alcançaram o período pré-abolição, segundo os anos de nascimento apresentados durante a conversa. Por outro lado, algumas narrativas constam ter conhecido dois senhores que trabalharam como escravo, mas este relato não foi intensificado. A fala relatada por D. Maria da Conceição, por sua vez, ao ser questionada sobre o cansaço do trabalho durante o dia e as dificuldades encontradas para realização dos mesmos com relação às formas de trabalho que a mesma exercia na comunidade, conta que saía de manhã, às sete horas, e chegava em casa ao meio dia retornando ao serviço após o almoço e permanecendo até o fim da tarde para descansar.

A partir de sua fala, notamos que o serviço das roças era feito não apenas pelos homens, mas principalmente, por mulheres, que eram protagonistas em realizar os trabalhos de ganho para sustentar a família. Mesmo que cumprissem a responsabilidade dos afazeres domésticos, estas saíam cedo de casa para a labuta cotidiana. Dos Anjos (2007) corrobora compreendendo que:

As mulheres negras serão, na maior parte dos casos, as únicas responsáveis pela manutenção da cultura material e simbólica, além da sobrevivência dos membros do grupo familiar (DOS ANJOS, 2007: 104).

Pensando ainda que muitas das mulheres do quilombo de Baixa Grande realizavam os serviços nas plantações, podem ser apresentadas como as principais responsáveis pela cultura familiar local.

2.1. A medicina preventiva substituída pela medicina curativa.

Um dos principais componentes da promoção da saúde é a prevenção. A carta de Ottawa, de 1986, visa dar condições de controle a fatores determinantes de melhoria a saúde. Ela representou os resultados da primeira conferência internacional sobre promoção da saúde, realizada em Ottawa, Canadá, em novembro de 1986. Nesse documento constam intenções que, seguramente contribuíram para atingir uma saúde para todos no ano de 2000 e subsequentes. Sistemáticamente, são três linhas de desenvolvimento às ações inter-relacionadas e complementares. A primeira vertente é por meio da educação a saúde, utilizando a educação pedagógica visando facilitar a aprendizagem da saúde; a segunda

vertente dá-se por meio de prevenção à doença, viabilizando medidas possíveis a fim de evitar, descobrir e tratar doenças específicas ou eventuais sequelas; a terceira vertente é a proteção à saúde, que consiste em tomar medidas destinadas à controlar fatores de “risco de natureza ambiental e à preservação dos recursos naturais” (HESPANHOL; COUTO; MARTINS, 2008: 49).

Segundo pesquisadores, “(...) a história da medicina está repleta de situações em que opiniões médicas, que mostraram estar erradas com o passar dos tempos, foram transmitidas como verdadeiras a um público insuspeito” (HESPANHOL; COUTO; MARTINS, 2008:54). Um ponto importante a ser destacado aqui e que contribui com a discussão é o trabalho de parteiras, que antigamente era encontrado na comunidade:

Um saber milenar que ao longo do tempo oferece significativa contribuição para a construção de um novo olhar em busca da humanização das relações no contexto da saúde, embora muito desse saber tenha sido desconsiderado com a institucionalização do cuidado. Diante da diversidade do universo cultural que envolve esse saber, considerado uma prática de solidariedade, um dom de Deus, conhecer respeitar é condição fundamental para uma aproximação real entre o saber popular e o saber científico (DIAS, 2007: 476).

Durante as conversas com a rezadeira D. Sila, revelou já ter pego criança na hora do parto, a mesma afirma ainda ter feito o trabalho de parto, mas não cortou o umbigo até que a parteira chegasse, conseqüentemente, não se coloca enquanto parteira e diz que a parteira era uma senhora chamada Luíza. De acordo com Dias (2007), a partir dos anos 2000, o parto domiciliar tem sido uma das prioridades do Ministério da Saúde e todos os segmentos da sociedade comprometidos com a saúde da mulher, da criança e da família como garantia dos direitos humanos (2007: 477). Hoje, D. Sila diz não fazer o trabalho de parto por medo, pois nos dias atuais é diferente aos tempos antigos para esse trabalho, tendo em vista que está em questão a saúde das mulheres.

Com base na política nacional da população negra para uma análise das condições sociais e, em particular, a saúde da população negra, é necessariamente preciso considerar a questão do racismo, que persiste após sucessivas conquistas institucionais:

Devido ao seu elevado grau de entranhamento na cultura brasileira. O racismo se reafirma no dia-a-dia pela linguagem comum, se mantém e se alimenta pela tradição e pela cultura, influencia a vida, o funcionamento das instituições, das organizações e também as relações entre as pessoas; é condição histórica e traz consigo o

preconceito e a discriminação, afetando a população negra de todas as camadas sociais, residente na área urbana ou rural (...) (BRASIL, 2007: 29).

“Respectivamente, uma das contribuições para o esquecimento da herança cultural deixada por rezadeiras e rezadores durante décadas é o forte aparecimento da medicina científica. Ao longo do século XX, as práticas curativas se desenvolveram com grande expressividade entre os habitantes do Recôncavo” (CONCEIÇÃO, 2015:80).

Curandeiros e rezadeiras atendiam pessoas que manifestavam “males do corpo e do espírito, algo que suscitava opiniões diferenciadas acerca de suas práticas culturais” (CONCEIÇÃO, 2015: 80). Em particular, nas comunidades quilombolas, o que tem sido observado é que moradores/as não estão mais buscando tanto a prevenção oriunda do manuseio de folhas contidas nos próprios quintais de casa. De acordo com Franco (2006), as comunidades tradicionais possuem uma bagagem maior sobre o assunto. Porém, sofrem ameaças constantes “devido à influência direta da medicina ocidental moderna” (AMOROSO, 1996 apud FRANCO, 2006: 2). As idas frequentes em unidades de saúde demonstram o fato de que a medicina preventiva está sendo substituída pela medicina curativa, não sendo pensadas formas de prevenção para determinadas doenças. Assim, quaisquer dores de cabeça ou mal estar, dores de barriga ou de dente, entre outras, acarretam na procura de um posto de saúde ou, até mesmo, na opção por visitar uma farmácia em busca de remédios para o alívio da enfermidade.

Nesse sentido, o ofício de rezas já não está sendo tão lembrado enquanto elemento preventivo tal como foi em épocas passadas. De modo particular, as observações realizadas neste trabalho formam parte da cotidianidade na qual pertencço e, por isso, não está isenta de posicionamentos equivocados e/ou ameaçadores como o que coloca à margem, de forma discriminatória e imprestável, o poder de cura de rezadeiras e rezadores por parte de membros da comunidade, em geral, ao irem buscar outros meios para o alívio da dor. No contexto da Comunidade Quilombola de Baixa-Grande, tenho presenciado casos de doenças como o “derrame”, conhecido pela medicina científica como Acidente Vascular Cerebral - AVC. Trata-se de uma doença decorrente da “passagem do vento”, logo, denominada como “passagem” ou “ar do vento”, segundo a concepção do rezador Miguel, membro da comunidade local.

É um vento mau que passa sobre a pessoa e, geralmente, apresenta como sintomas iniciais: dor de cabeça e vistas turvas ou tonturas. Este, é seguido por um chamado pelo nome da pessoa, um assobio ao acordar pela manhã e se expor ao vento. Se a pessoa retribuir ao

chamado isso pode se agravar possibilitando, conseqüentemente, à ocorrência de um derrame. Posso, aqui, situar-me nesta reflexão devido ao fato de conhecer pessoas que passaram por momentos de aflição em função do derrame, chegando a uma intensidade que foi seguida por sequelas graves, resultado de não ter procurado ajuda efetiva na ação preventiva. Somente após o estabelecimento da enfermidade é que essas pessoas saíram em busca de acompanhamento para o possível restabelecimento da saúde.

Desse modo, proponho a intensificação dos seguintes questionamentos: por que essa população que carrega uma herança cultural de prevenção de doenças não faz proveito das práticas curativas por meio de rezadeiras e rezadores, que se encontram nas respectivas comunidades? Por que esses indivíduos acumulam sintomas no corpo de modo a resultar busca pela medicina curativa, que muitas vezes não compreende um bom atendimento dos profissionais de saúde, viabilizando, inclusive, casos de óbito? Quais fatores levam esses sujeitos a buscarem por remédios farmacêuticos ao invés da prevenção mediante as plantas medicinais? Mesmo sem respostas concretas, esses questionamentos são válidos para que se abra um leque de possibilidades quanto às respostas relacionadas às modificações existentes na sociedade, permitindo que as gerações presentes e futuras possam refletir sobre o espaço em que estão inseridas.

Tendo em vista que essas comunidades encontram-se:

Em processo de transformação havendo um confronto entre os modos de pensar e agir tradicionais e as novas ideias e costumes trazidos com o contato intensificado nas décadas recentes com a sociedade urbana, refletindo-se nas questões ligadas à saúde e a doença (SANTOS, 2007: 4).

Deve-se estabelecer um olhar aprofundado no quesito saúde preventiva de comunidades quilombolas, principalmente, no setor educacional, estabelecendo possíveis estudos aprofundados sobre o poder de cura através de ervas medicinais. Das doenças que acometem a população de Baixa Grande, é importante que seja mencionada também nesse trabalho a anemia falciforme. Os laços familiares que formam o grupo étnico e sanguíneo do quilombo de Baixa Grande fazem notar que os mesmos mantêm um forte vínculo de relacionamentos entre parentesco, o que acarreta a presença dessa doença transmitida de pais para filhos.

É importante destacar, ainda, que existe uma escassez referente à existência de um posto de saúde para o atendimento médico a esses indivíduos dentro da própria comunidade, e que a doença merece um olhar diferenciado para essa população, possibilitando cuidados

específicos. Quando ocorre o agravamento da doença, os portadores da anemia falciforme, em geral, buscam atendimento em hospitais distantes da região como nas cidades de Feira de Santana e Salvador. O Estatuto da Igualdade Racial estabelece que:

O direito à saúde da população negra será garantido pelo poder público mediante políticas sociais e econômicas destinadas à redução do risco de doenças e outros agravos, com foco nas necessidades específicas deste segmento da população (BRASIL, 2010: 13).

A gestão do município de Muritiba ainda não lançou um olhar eficaz no que diz respeito à saúde dessa população, não promovendo a esse povo as ações e serviços de saúde, das quais são sujeitos de direito. Ainda que tenha havido provocações acerca de melhorias referentes ao assunto, o posto de saúde que atende as famílias da comunidade de Baixa Grande e outras localidades próximas onde o PSF está instalado se encontra à margem do território de Muritiba, com maior proximidade junto às comunidades pertencentes ao município de Governador Mangabeira, situado há quilômetros de distância de Baixa Grande. Isso implica em sérias dificuldades e ocasiona escassez no atendimento à saúde de qualidade. As formas de deslocamento até a comunidade de Caatinga Seca/Palames são complexas, muitas vezes, necessitam se deslocar a pé, de bicicleta ou moto a fim de ir em busca de fichas para consultas médicas e, ao não conseguirem, acabam retornando para suas casas sem o atendimento.

Em outras situações, a consulta é marcada pelo/a agente de saúde que visita as famílias da comunidade mensalmente. Essa comunidade quilombola, especificamente, é atendida por dois agentes comunitários e, sempre que necessário, além das visitas realizam também auxílio em alguma outra situação específica. Quando há alguma emergência, as/os moradoras/es precisam se deslocar até o posto do distrito de São José do Itaporã. Percebe-se que, “(...) o modelo de atendimento aplicado por esses profissionais se limita a ações curativas” (Santos, 2007:23), o que vem a ser tratado como uma questão relevante. Apesar da anemia falciforme não estar enquadrada entre as práticas da medicina curativa e tampouco da medicina preventiva, esta é uma doença que precisa ser observada continuamente, sendo um problema de saúde pública que envolve a população de Baixa Grande e, segue de alguma forma esquecida pelo poder público.

2.2. Biografia da rezadeira

Maria da Conceição, apelidada por Sila, nascida em 15 de maio de 1943, nativa da comunidade Quilombola de Baixa Grande, Município de Muritiba, Recôncavo Baiano. Filha de Maria Siprina da Conceição e de Patrício Pereira dos Santos. Seus pais vieram da Cidade de Santo Estevão, pertencentes a catingueiro que ao fugir da seca se depararam nas terras de Baixa Grande. Maria da Conceição é mãe de dois filhos, esposa e avó. Dedicou sua juventude como cuidadora de seus sobrinhos para a “desmama” e trabalhou na agricultura além de casa não alfabetizada. É detentora do ofício de rezas com ervas da comunidade Quilombola de Baixa Grande. Maria da Conceição, atualmente, tem a saúde debilitada, encontra-se cega e com a coluna desviada, mas ainda dedica seu conhecimento às pessoas que a procuram pela fé que tem de sua benzeção.

A relação de dona Sila com a comunidade é de grande agrado e respeito. É notório que pessoas da comunidade vê como obrigação de sempre ir até sua casa dar “uma mão de prosa”, levando-lhe alguma gratificação. Existe uma aproximação que faz entender que é um dever digno de quem já foi rezado com ela, de não deixá-la sozinha. É a dádiva da retribuição de algo que já fora feito a estes. Quem percorrer as mediações de sua residência, se certificará que a mesma tem o costume de sentar-se à beira de casa para sentir o movimento dos que trafegam por aquela estrada, tomar sol e receber visita sentada ao chão, na sombra da frente de casa. A casa de D. Sila fica à poucos metros da margem da estrada, onde é comum pessoas passarem. É costumeiro que, os que passam por ali, lhe cumprimentem pedindo sua benção, dando-lhe bom dia ou boa tarde e, perguntando a ela sobre a família e por sua saúde.

Capítulo 3. O saber fazer das Rezas com ervas a partir da seus/suas interlocutores/as.

As rezadeiras ou benzedadeiras são mulheres que realizam benzeduras. Para executar essa prática, elas acionam conhecimentos do catolicismo popular, súplicas e rezas com o objetivo de restabelecer o equilíbrio material ou físico e espiritual das pessoas que buscam a sua ajuda. Para compor o ritual de cura as rezadeiras podem utilizar vários elementos (SANTOS, 2007: 16), no caso específico em que trabalho, são “ramos verdes, gestos em cruz feitos com a mão direita”, pedra, pano, litro de vidro e reza. As benzições se apresentam nesse arsenal medicinal como importante veículo condutor dos indivíduos à saúde, uma vez que o conjunto de técnicas, rezas, orações e gestos associados à fé dos executores das mesmas e aqueles que recebem, contribui para extirpar as doenças do corpo, ou seja, a descrição corresponde às práticas de cura (CONCEIÇÃO, 2015: 65).

É frequente as más influências dos ares que acometem a população de Baixa Grande e, estes, se dirigirem até as rezas e benzições para a cura ou alívio dos males. As rezas são feitas por transmissão oral e gestual em pessoas que procuram os detentores desse conhecimento, seja por sentirem algum mal-estar corporal ou em situações de enfermidades, doença como dor de cabeça; dores nas costas; na boca do estômago ou espinhela caída; cansaço; cobreiro; “ar do vento” ou “passagem”; “mau-olhado”, dores de barriga, dores de dente entre outras “queixas” sentidas pelo povo da comunidade e de outras comunidades vizinhas.

Quando se encontrava com mais saúde dona Sila ia até suas residências, como a mesma relata ter desenvolvido seu ofício em quixabeira e caatinga seca que são localidades vizinhas, porém distantes por alguns quilômetros, ou indivíduos destas comunidades iam até sua casa. Relata a rezadeira que “As pessoas tinham muita fé nas rezas” (D. Sila – rezadeira entrevistada). Estas agradecem com dinheiro, farinha ou um “Deus lhe pague”. As formas de pagamento sempre ficaram a critério das pessoas, a rezadeira não pede algo em troca por este conhecimento, pois diz que sempre gostou de rezar e que “adora até hoje”. Ela afirma que acha uma “felicidade essa reza aqui na comunidade”.

Assim como D. Sila desenvolvia o ofício fora de casa, o rezador Miguel habitualmente vai ao encontro das pessoas, por mais distante que se encontrem. Em seus relatos, deixa explícito como essa maneira de atender quem precisa está presente na sua vida cotidiana:

Hoje não paro em casa não sei (...) – hoje em tudo que é canto. – a hoje, aonde você disser aí eu vou, pau-ferro, caatinga seca, jacarezim, jacaré grande, toco um, dois,

três, quixabeira, São José, brejo, encruzo, até nesse... conceição de feira já fui rezar gente, já fui ne, ne São Antoi de Jesus já fui rezar uma mulé no hospital, agora só que no hospital, rezar só com a mão, que lá com o médico num, mato não entrava, só com a mão somente. Já fui em Salvador tomem, rezar, e a mulé ficou boa. (Miguel – rezador entrevistado)

Existe nessa narrativa um enfrentamento do rezador com a medicina científica, a partir do momento em que este não pode entrar no hospital com as ervas.

A utilização de plantas “com fins medicinais, para tratamento, cura e prevenção de doenças, é uma das mais antigas formas de práticas medicinal da humanidade” (JUNIOR e PINTO, 2005: 519). As ervas citadas por D. Sila durante a entrevista como instrumento de prática foram: chá de Maria; guiné; quarana; assa peixe; caatinga de crioula; candeia; manjeriço; capim santo; capim de caboclo; são gonçálim; aroeiras; dandar; vassourinha; carqueja; quitoco; portemera; unha de gato; arruda entre outras utilizadas, especificamente, para chás como: suspiro branco; benzetacil - para banho -; água de alevante (graúda); tira teima; vence tudo; espinheira santa; velami; hortelã grosso; vela da pureza e cipó de três quinas, que serve para remédio além de outras ervas, que servem para a cura de diferentes enfermidades como: espada de ogum; palma de são Jorge; folha de urubu; balai de véi; folha de cajá; folha de umbu; folha de tamarindo; folha de seriguela e banana de são Tomé.

Estas plantas medicinais são sempre utilizadas por D. Sila a fim de receitar às pessoas que iam/vão até ela. As ervas são tiradas no quintal no mesmo momento de fazer o ofício, essas são ervas conhecidas na comunidade para cura de males, através de chás e banhos, e para o benzimento. Para a realização do ofício existe uma mistura com as ervas, e estas são passadas pelo corpo do doente no mesmo momento em que a rezadeira profere palavras sagradas, pedindo a intercessão aos Santos protetores. De acordo com Conceição (2015):

A cura é o sinônimo da ordem, da organização e, no intuito de alcançar a estabilidade perdida, faz-se necessário recorrer às pessoas experientes na trajetória curativa (neste caso rezadeiras e rezadores), a fim de poder combater as mazelas. Ao solicitar a intervenção de uma rezadeira, por exemplo, os indivíduos buscam compreender o processo no qual se inserem e optam em recorrer a alguém com maior compreensão do fenômeno para guiá-lo (CONCEIÇÃO, 2015: 98).

Certo dia recebi a visita de uma colega de curso e, chegando em minha casa, ela disse estar sentindo uma dor de cabeça e queria conhecer D. Sila, então, fomos até ela pedir para

que a rezasse. Chegando em sua residência, chamamo-la e ela pediu pra que entrássemos. Como costumeiro, estava sentada no sofá da sala.

D. Sila, apesar de não enxergar, identifica seus conhecidos facilmente pela voz. Entramos, então, falei que minha colega queria conhecê-lo, e queria que rezasse para aliviar sua dor de cabeça e, como sempre, aceitou. Pediu que pegasse o “mato” e, nesse momento, disse que não sabia quais “matos” tinha que tirar. Então, pediu que fosse até sua nora, esposa de Miguel, a fim de que ela retirasse. Assim fiz. Chegando lá, a mesma retirou as ervas e, assim, retornei para residência de D. Sila, dando-lhe as ervas para que iniciasse a reza. Ela tomou o mato e começou a separá-los para identificar e arrumar ao seu modo. Tocava as folhas e cheirava ao seu tempo, a identificação das ervas através do olfato é algo comum a ela. Segue abaixo o diálogo referente à reza para dor de cabeça, com a descrição das palavras:

(...) - Como é teu nome?

- Angélica!

- vai rezar de que é?

- Dor de cabeça!

- (...) passage, tontura, zonzeira. Dor nos braços, na pena, no corpo e na mão, pá tirar todo má que tá te pirsiguino, que no teu corpo não há de entrar e não há de ficar, passage, tontura zonzeira.

- Sai da frente menina, como é, é Nanda que tá na frente é?

- Não senhora, eu tô cá do outro lado.

- Tirar passage, tirar tontura, tirar zonzeira, com a fé de Oxossi e de Ogum (...) o Pai do Filho, do Espírito Santo (...) o nome do Pai, do Filho, do Espírito Santo (...) passar na encruzilhada (...) Santo Antoi, Nossa Senhora, oxossi e Ogum. Pá num deixá... Cumé teu nome? - Angélica! - Angéca, nem doida, nem surda, nem muda, nem esquecida, nem dislebrada, que tem nessa cabeça será tirado com nome do Pai, do Filho, do Espírito Santo. Vai pás sete Maria, vai pás encruzilhada, onde não passa ninguém, nem pagão, nem batizado (...) Com a fé em Santo Antoi, Nossa Senhora, Oxossi e Ogum, Nossa Senhora Yemanjá. Vai tirar todo má que te pirssegue, que no teu corpo não há de entrar e não de ficar, que eu tô rezano (...) por dentro e por fora, pra tirar esse male intoxicado do teu corpo, que no teu corpo não há de entrar e não há de ficar, passage, tontura e zonzeira, dor nos braços, dor na cabeça, dor nos pé, nos corpo e nas mão. Com o nome do pai, enquanto tô rezano tá afujentano todo má que te pirssegue (...) tirano ou na porta da cozinha, ou na encruzilhada, ou na porta da cozinha, no chiqueiro de porco, ou no puneiro de galinha, que trouxe (...) com dor de cabeça, custipação, com dor nos braços, dor nas perna, custipação, intoxicação e malina (...) encruzilhada (...) machucar, que no corpo não há de ficar, que eu tô rezano tô afujentano todo má que te pirssegue,

passage, tontura, zonzeira, dor de cabeça, dor nos braços, dor nas pernas, esquirecimento de vista, tontura zonzeira, que no teu corpo num há de entrar e num há de ficar que tô rezano tô afujentano tudo. Cadê a cabeça fia?

(...) De sol, sereno, saqueca, benifiço, enticaços e malino, que for de sol, sobe pra riba, que for sereno sobe pra baixo (...) que sua cabeça não há de ficar. Nem dor de cabeça, nem de sol, nem sereno, nem saqueca, nem benifiço, intoxicação e malino. Sai dor de cabeça, sai intoxicação, sai malina, sai da cabeça de cumé?

- Angélica! - de Angélica.

- vem pro lado de cá, vem pro lado de cá que ela tá rezano aí!

- essa dor de cabeça intoxicação que tá não há de ficar. Se for de sol e sereno, se for enxaqueca, benifiço, entecascos e malino. Que for de sol sobe pá nuvem, que for sereno desce pá face, foi no canta galo, no galinheiro (...) não for de falar, (...) nunca mais há de entrar e não de ficar (...) por dentro e por fora, vai tirano todo má que te pirssegue. Dor de cabeça, curtipação, malino. Dor nas perna, tontura, zonzeira. Se entrar, na tua cabeça não há de ficar que tô rezano no nome do Pai, do Filho do Espírito Santo, com a fé em oxossi, Ogum e Yemanjá. Essa dor de cabeça se entrar, na tua cabeça não há de ficar. Pano no canta galo (...) assim como sai os quebranto os Anjos tá rezano, há de tirar todo má de teu corpo jogar pras onda do mar, que no teu corpo entrar não há de ficar. que tô te rezano no nome do Pai, do Filho, do Espírito Santo. Se essa dor de cabeça tua é deita se é enteado afunjentado na tua cabeça não há de ficar, com a fé de (...) oxossi e Yemanjá, há de tirar todo má que te pirssegue, no teu corpo não há de ficar, nem curtipação, nem malina, nem passage, mufinada, nem invocado, nem intoxicado, nem malinado, que eu tô tirano, afujentano todo má que te pirssegue. (...) que tô tirano tanta passage, tanto a mufina, tanta intoxicação, tanto a mufina, de homi, de mulé, de moça, menina, casada, solteira, maziada. Tô te rezano, são dor de cabeça (..) se for parente, se for estranho, preto, branco, rico ou pobre ou negro. Que te botou tanta mufina no teu corpo, ne tua buniteza, se foi de fêi, se foi de magro, se foi de gordo, se foi de bunito, no teu pintiar do cabelo, se foi no lavar, se foi na vestimenta (...) na tua cabeça não há de ficar, todo má, toda pirssiguição que tá te pirssiguindo se afonjentado pelo dia que é de hoje, Sabádo dia de Nossa Senhora, afojentar todo má que tá te pirssiguindo. Em nome de santo que tô te rezano de dor de cabeça, tirar dor dos braço, da perna, intoxicação, incortipação e malina, eu tô rezano pá afujentar todo má que te pirssegue (...) nem passage, nem tontura, nem zonzeira, vai tirar o ar do vento, o cego, o mudo, o isquicido, os alebrado (...) na tua cabeça não há de ficar. vai tirar o ar do vento o intoxicado e o malinado, preto, o vermêi, o vaporado, o intoxicado e o malinado, que ne tua cabeça não há de entrar e não há de ficar, passage, tontura zonzeira. (...) Se foi no beber da fonte tomado bái, se foi no beber água, beber do café, quem invocou essa passage (...) não há de ficar, sai passage, sai ar do vento, sai o torto, sai o cego, sai o mudo, sai o esquecido, o lembrado, sai febre, sai febinha, sai intoxicado, (...) tô tirano passage, dor de

cabeça, intoxicação, vaporação, curtificação, malina, sai ar do vento, o doente, o invocado, incortipado, o malinado. O torto, o cego e o mudo. Que no corpo de Angélica não há de ficar, tô rezano Angélica pelo dia que é de hoje, afojento todo má que te pirssegue Angélica. Nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo. Se entrou (...) que ne tua cabeça não há de ficar. Todo má que te pirssegue será afujentado pelo dia que é de hoje, hoje é sábado dia de Nossa Senhora. Com a fé em Senhor São Roque e Senhor São Lázaro (...) que afujentar todo má que te pirssegue, na tua cabeça não há de ficar. Eu tô te rezano pá afujentar todo má que te pirssegue, num vai invurtar e num vai ficar, eu tô te rezano tô afujentano todo má com a fé no coração. Que assim (...) Nossa Senhora (..) toda persigação, toda invocação, toda curtificação malina, te dá força de alegria, tirar tristeza te dá alegria (...).

Figura 2 Rezadeira com ramo de ervas para rezar



Foto: Antônia F. dos A. dos Santos (arquivo pessoal)

Figura 03 - Rezadeira com ramo de ervas para rezar



Foto: Antônia F. dos A. dos Santos (arquivo pessoal)

Figura 04 - Rezando de dor de cabeça



Foto: Antônia F. dos A. dos Santos (arquivo pessoal)

Figura 05 - Rezadeira tentando identificar a erva com as mãos



Foto: Antônia F. dos A. dos Santos (arquivo pessoal)

Figura 06 - Rezadeira identificando a erva pelo olfato



Foto: Antônia F. dos A. dos Santos (arquivo pessoal)

Percebe-se certa diferença nas palavras da reza para uma dor de cabeça e a reza de dor de cabeça, a qual denomina como sol e sereno, que será apresentado posteriormente. Na reza citada acima, existe uma mistura de preces para outras doenças como a mencionada passagem do vento. Isto acontece devido os diversos males que pode estar no corpo do indivíduo que o sintoma é apresentado pela dor de cabeça. Na conversa tida com a rezadeira sobre o preparo da reza de sol e sereno, a mesma explica a maneira que pode rezar a pessoa e o resultado obtido representado pelos elementos usados, onde os conhecedores do ofício reconhecem de onde é adquirida tal doença.

- Reza com o litrinho, né?
- É com o litro.
- Como é que faz esse, esse preparo?

- Do que, o preparo?
- Sim, senhora.
- É pegar, a, a, água botar no frasco, pegar um pano branco, botar na cabeça e im rezano.
- hum.
- É. É de sol e sereno.
- Aí vai, cruzano também?
- É, e incruzano, é e com dedo na cabeça, rezano, incruzano, e rezano (...)
- Como é que sabe que, o resultado como é que a senhora sabe que tinha sol e sereno?
- por vai saino aquela, aquela, aquela...
- as bolhinha?
- aque... sim! Sim! Aquela boia vai subino, subino, aí sobe, sobe, assunta! sobe aquelas miudinha, aquela vai subino aquela fila miudinha é sereno, e saino as luma, e saino a luma é solo. A que sai a graúda é, é de solo, é e aquela miudinha é sereno, sai aquela fila, subino a água.
- Bota o pano e vira bem, encarca bem porque a água num, num escorrer. Encarca pá tu saber que tem, encargar e vai saino a água, saino a água, saino a água, sai na, toda dor vai sair na água.
- E tem também, assim tem que tomar cuidado, também com o, o sol essas coisas?
- É, quando tirar o pano não bota no solo não. Bota dende de casa que tá na sombra. Dende casa, que é pro mode a dor de cabeça num vortá.
- E depois, usa o pano normalmente? Ou tem que ser um pano próprio pra reza?
- É (...) tem que ter um pano próprio pá reza mermo.

Depois da conversa a rezadeira começou a dizer as palavras:

(...) Onde tu vai Loriana? Vou Fabiana, vou buscar pano forte, pá rezar de sereno, chaqueca, belifisso entre casco e malina, que for de sol, sobe pras nuvem, que for de sereno, desce pras baixa, onde num canta galo nem galo (...). que na cabeça de Fernanda, essa dor de cabeça não há de vortá nem de alengá, pra donde não passa pagão nem batizado, dor de cabeça invocado, nem intoxicado, assim como sai os quebranto os Anjos sai rezano, levar essa dor de cabeça lá pras ondas do mar, que na cabeça de Fernanda nunca mais há de vortá. (...) Clareia o sol, clareia a lua, é o sacrário. Dor de pontada, de refluxo, reumatismo e intrusidade. Se for no corpo, se for no pé, se for nos braço, se for nas mão, há de tirar toda dor de pontada, reumatismo e intrusidade, essa dor de pontada, não é de ficar, que entrou de frente, sai de costa, com a fé em Bom Jesus da Lapa e Nossa senhora. Pá afugentar todo má que te persegue, dor de pontada de refluxo, reumatismo e intrusidade.

O rezador Miguel explica sobre esta enfermidade em outras palavras:

Sol e sereno, e, e, dor de cabeça de sol e sereno, chaqueca. Chaqueca é uma, dor de cabeça, de sol é uma, de sereno é outra. Dor de cabeça de sereno dói de manhã, e correr de umas quatro da madrugada até o dia amanheceno é sereno. E ne três da tarde até de, de três da tarde. Começa de três da tarde vai até nove da manhã, se a cabeça ficar dueno é sereno, aí agora o correr do dia, se duer já é solo. Se num duer a noite, é solo. Se duer o dia é solo, se duer a noite é sereno. (...). (...) se duer o dia é solo, e se duer a noite é sereno, entendeu? Dia é solo, e a noite é sereno. Dor de cabeça abusada, agoniada, em cima da testa, vai andano, andano.

(...) Se panhar sereno de mai, a dor de cabeça na certeza tomar tanto sol quente tomem, na certeza se vê a teia afastada num lugar que a pessoa dorme pode saber que é, num mermo lugar que o sereno tá ali (...).

Podemos observar nesta narrativa a constante presença simbólica da cosmologia, o sol, o sereno, assim como o vento, o mar, a noite, o dia, e os horários são entendidos pelos rezadores como elementos que interferem na saúde, tanto para deixar a pessoa doente, quanto para levar pra longe as enfermidades do corpo e do espírito. Outra contribuição partiu de um mal-estar sentido por meu primo. Tinha semanas que sentia o corpo esmorecido, bocejava muito e sem disposição para os afazeres. Em conversa disse que precisava passar o ramo no corpo. Ofereci-me pra levá-lo na casa da rezadeira. Fomos numa tarde de terça-feira, às 15 horas, chegando na casa chamei a dona da casa, a mesma, como em outros casos pediu que entrássemos, assim fizemos, expliquei que estava com meu primo, Jhoilson, que queria se rezar de olhado e, ela, pela segunda vez, pediu que buscasse as ervas na casa de sua nora. Chegando lá me encontrei com seu o filho Miguel, em casa, pedindo-lhe pra pegar os matos. Ele percorreu a roça - um pouco distante, pois os dias eram de sol, o que resultou na seca das ervas. Quando retornou, iniciamos uma conversa sobre a reza que seria desenvolvida naquele momento por D. Sila. Perguntei ao rezador quantos dias teria que realizar o tipo de reza, de olhado, e quais matos ele havia pegado. Ele me explicou tal como está relatado abaixo:

- De olhado é... é sete dias?

- vai, vai por impar, ou um , ou três, ou cinco, até nove ou quatorze não tem quantidade não, a mesma coisa do ar do vento, o ar do vento você nunca pode rezar par, tem de rezar impar, ou uma, ou três, ou cinco, ou sete, ou nove.

- ham... e pra um rezador só, como dona Sila, fica muito puxado pra ela?

– a, aí agora você, bota mesmo pra minha mãe rezar uma e procura outro pra rezar o restante, ou minha mãe reza duas e o outro reza o restante. Aí pra não ficar dividido aí seria homi e mulé no mêi, quanto mái tiver uma mulé no mêi, e um homi no mêi, seria melhor porque o ar do vento é uma peste que já é casado, ar do vento é igual passagem é os dois casado quando passa um tá os dois, se passar os dois, não tem salvação mais. Então é a mesma coisa, se ela passa de mais não tem salvação pode rezar não resolve, não escapa não. Então é a mesma coisa do ar do vento, a reza do ar do vento tem que ser impar, qualquer reza tem que ser impar, uma, ou três, ou cinco, ou sete, ou nove, ou até vinte e um quereno im vai...

- E esses daqui que é pá, esses mato aqui que é pra óiado é o que?

– Aqui é bassorina, andu, e algodão e esse... quebra peda. Quebra peda foi que eu peguei ali, peguei pá rezar (risada).

– Entendi.

Mas pá pegar pá rezar mesmo é pião, pião, arruda, tira tema essas foias que é própria pá rezar, mas pegá do vento do verão bater agora não acha mais mato. Esse quarana, esse aroeira também é muito beleza pá rezar tamem (...).

A tabela a seguir faz uma demonstração conforme o nome tradicional das ervas citadas anteriormente pelo rezador:

Tabela 01 – Nomes tradicionais das ervas citadas por Miguel – rezador entrevistado

Nome Tradicional	Nome científico	Erva
VASSOURINHA	<i>Scoparia dulcis</i>	

ANDÚ	<i>Cajanus cajan</i>	
ALGODÃO	<i>Gossypium herbaceum</i>	
QUEBRA PEDRA	<i>Phyllanthus niruri L.</i>	
PIÃO ROXO	<i>Jatropha gossypifolia L.</i>	

ARRUDA	<i>Ruta graveolens L.</i>	
TIRA TEIMA	<i>Não encontrado</i>	
QUARANA	<i>Não encontrado</i>	

AROEIRA	<i>Schinus terebinthifolius</i> <i>Raddi</i>	
---------	---	--

Fonte: Elaboração própria.

Em um primeiro instante, pensei em colocar as imagens para uma necessária apresentação das demais ervas citadas durante a pesquisa, porém, não foi possível devido o pouco tempo que tive para identificá-las e fotografá-las. Então, optei por colocar apenas as que foram citadas pelo rezador durante a referida conversa. Lembrando que, nas pesquisas, não foram encontrados nomes científicos de duas ervas como é possível observar acima, talvez por motivos do nome ser de conhecimento popular às pessoas da comunidade.

Figura 7 Rezador com ramos de ervas para iniciação do ofício



Foto: Antônia F. dos A. dos Santos (arquivo pessoal)

De acordo com Conceição (2015: 99), “o mau olhado é provocado pela ganância das pessoas, entendido como mazela, movida pelos ciúmes e pela inveja dos indivíduos”. Nesse sentido, muitas vezes, acredita-se que os arremessos das energias negativas são feitos de forma involuntária. O rezador Miguel fortalece essa afirmativa:

(...) oiado! – é quando a pessoa oia pra outro (...), dimira se você veste uma roupa o cara fala, a rapai fulano de tal, tá com uma roupa bonita. Se você toma um bã, o povo fala, todo dia tomano bã. Se você prende o cabelo fala, porque tá pintiano o

cabelo. Aí ó, vai chegar uma época de você dizer assim é, eu num vô nem pentiar meu cabelo (...). Hoje vamo sipor que principalmente que (...), levei ne uma casa pá rezar uma mulé, e na casa pá rezar um homi, e aí, no oiado só tinha da mulé, e aí a mulé desconfiou, e num é isso. Que o oiado tamem vem da família, vem do pai, vem da mãe (...), e a muié desconfiou, mais não é só de fora que muié vai botar oiado, não. (...) É de casa. Hoje se você dá um sorriso, o povo diz que você tá alegre, se você come muito, o povo vai dizer: ah! Isso é uma serra, você toma um bái o povo diz, se você pintia um cabelo o povo vai falar, você veste uma roupa, tudo! se você trabalha o povo fala, se você planta de mais o povo fala... -se não trabalha fala! – tudo... é como é que não vai viver a vida? A, vai viver a vida, vai longe! vai longe! (Miguel – rezador entrevistado).

O mau olhado tende a assolar qualquer pessoa, sabendo-se que estamos sujeitos a despertar a inveja do outro, sobretudo, gozarmos de um posicionamento estável na escala social. Frequentemente, as rezadeiras utilizam a expressão “está carregado (a)”, ilustrando a possibilidade dos indivíduos serem vítimas constantes do “olho grande, do mau agouro, fazendo de seus corpos alvos de energias negativas” (CONCEIÇÃO, 2015: 99). O mau olhado tirado na folha de ervas faz com que a folha murche e os conhecedores deste saber, através do ofício, podem dizer de onde surgiu conforme a carga que é deixada sobre as ervas, se foi de homem, de mulher ou ambos. No mato, acredita-se que todos os males poderão ser descarregados e dispersados sem maiores transtornos, inclusive, evitando que os mesmos se aloquem nos corpos dos benzedores (CONCEIÇÃO, 2015: 102). D. Sila, disse nunca ter sentido certas indisposições.

Sobre a preparação o que foi observado referente às vestimentas é que geralmente a rezadeira mantém o mesmo traje que está vestida quando chegamos na sua casa. Antigamente as rezas aconteciam no banquinho da frente da casa, hoje por ela permanecer mais no sofá, o doente senta numa cadeira na frente da rezadeira dentro de casa, e a porta da frente fica livre para a passagem do mau. Ao começar a rezar o meu primo Jhoilson, observei um breve silêncio da rezadeira que, suspendendo o lenço com os dedos, passou algumas folhas de mato na testa como se estivesse limpando algo, perguntou em seguida onde estava a cabeça do doente e, batendo o ramo cinco vezes na cabeça, começou a rezar:

- Vai rezar de que é?

- de olhado!

- Olhado né? vou te rezar Joilso em nome do Pai do Filho e do Espírito Santo. Tirar quebranto, tirar oiado. O ôio de fêi, de magro, gordo, bonito. Tô te rezano na fé de Santo Antoi, (...) de Oxossi, de Ogum (...) tirar oiado, tirar quebranto e mufinado, tirar

o cansaço de teu corpo, oiado de homi, e de mulé, de moça de menina, casada (...) ou preta, ou branca, ou rica, ou pobre, do teu conversar, do teu andar, ou da bonadade, ou da camaradage, com três te botaro, com quatro eu tiro (...) pela força do Santo de Ogum (...) por nome do pai, do filho e do Espírito Santo (...) sai mufina, sai oiado, sai quebranto, sai te azar, sai invocado, sai do corpo de Joilso (...) afujentano todo má que te segue Joilso, dor nas pernas, dor no braço de (...) por cada encruzilhada, assim quando sai os quebranto os Anjos tá rezano (...) que todo má que no corpo vai entrar, no teu corpo não há de ficar, por dentro e por fora, sai mufina, sai quebranto, sai azar, sai azar, sai invocado, sai intoxicação sai do corpo de Joilso (...) quebranto e mufina, por dentro e por fora (...) quando ti andar, na tua boniteza (...) sai mufina sai oiado, sai azar, sai do corpo de Joilso(...). Tô te rezano Joilso em nome do pai, do filho, do Espírito Santo, pá tirar quebranto do teu andar, da tua boniteza, (...) preto, branco, rico ou pobre, no teu andar, na tua boniteza, no teu conversar, no teu sirrir, no teu oiar, com três botaro, com quatro eu tiro no nome de Deus e de a Virgem maria, tô rezano Joilso afujentano todo mau que te persegue, mufina, quebranto, oiado, quebrante, de oiado, de azar se foi mulé bunita, se foi feia, se foi magra, se foi gorda e bunita, ou se foi gente véia, se foi muderno, se foi sair do corpo de Joilso tô rezano (...) tô rezano hoje é terça feira dia de Nossa Senhora (...) todo má que persegue Joilso, oiado, mufina, quebrante, azar, do oiado, do quebrante, do azar, tamém de todo ar do vento do corpo de Joilso, (...) do cego, do mudo, do invocado, do intoxicado, do malinar (...) se for vermêi, se foi preto (...) se foi o mudo, se foi o cego (...) não há de ficar. Sai passagem, sai ar do vento, sai (...) sai do corpo de Joilso (...) sete encruzilhada (...) dor de cabeça, dor nos braço, dor nas perna, dor no corpo, (...) com a passage, com o oiado, com usura, com azar (...) sai te frebônio (...) poir nome do Pai, do Filho, e do Espírito Santo (...). senhor Salomão de roma, ne roma foi nascido, foi morto, foi gerado, tira a doença de ar do vento (...) do mudo e do cego (...) todo má que persegue Joilso (...) os Anjos tá rezano, em Nome do pai, do Filho, do Espírito Santo, Amem!

O desenvolvimento das representações simbólicas, no caso específico exercido pelas rezadeiras, é sempre construído em função das condições favoráveis existentes. Devemos pensar a cura atingida, a partir dos elementos utilizados na benzeção (...). O ato de rezar traz consigo grande simbologia, sobretudo quando levado em consideração o seu teor suplicante e solidário, no qual se objetiva proteger o enfermo das mazelas físicas ou simbólicas que estão o assolando. Nesse sentido, “a benção, objeto múltiplo e específico do ato de benzer, pode ainda possuir um efeito de exorcização do mal, que repara a tragédia, a dor, a aflição e o sofrimento” (CONCEIÇÃO, 2015: 97).

Neste caso, especificamente, após o ato de benção, meu primo disse que sentiu seus ombros pesados, o que a rezadeira entendeu como sendo um efeito da benção sob a expulsão do mau, a fim de possibilitar a leveza do corpo:

Figura 8 Rezadeira realizando o ofício da reza de mau olhado



Foto: Antônia F. dos A. dos Santos (arquivo pessoal)

Figura 9 Ofício de reza de mau olhado



Foto: Antônia F. dos A. dos Santos (arquivo pessoal)

Durante o processo da reza, D. Sila passou o ramo de mato sobre o corpo do enfermo, de cima a baixo, fazendo movimentos do lado direito para o esquerdo, e tocando em partes do corpo com as ervas. O que está indisposto precisa ficar com as pernas e os braços soltos/esticados, no momento da reza. O lado direito do enfermo tem que estar livre para que outra pessoa não receba as energias negativas extirpadas pela reza, este cuidado serve para qualquer tipo de reza. Em conversa com D. Sila, ela afirmou essa narrativa:

Só não reza meio-dia porque faz mau, quando é meio-dia até o solo para. Pela manhã cedo não é bom para quem reza porque faz mau para quem reza. De tardezinha, é a melhor hora para rezar porque o sol vai se escravando e leva todo mau do corpo da pessoa. Pode ser qualquer dia da semana. O lado de indicação para a reza é o lado direito, a pessoa fica na frente e a rezadeira fica pra trás, pra ir embora e deixar a gente. Se tiver alguém acompanhando não pode ficar dijunto, faz mau pra a pessoa que fica na frente.

Rezar o pai nosso, ave Maria, Santa Maria, entregar a São Salomão de Roma pra tirar todo mau da pessoa. Jogar o mato para o lado que o sol se escrava, para levar para o lado do mar, jogar para longe (D. Sila – rezadeira entrevistada).

Figura 10 Ramo de ervas jogadas após realização do ofício, em direção ao lado que o sol se escrava.



Foto: Antônia F. dos A. dos Santos (arquivo pessoal)

A outra reza de olhado aconteceu no terreiro de minha casa, debaixo do pé de seriguela. Estava em casa numa tarde de quinta-feira, quando meu irmão me chamou, me informando que o rezador iria realizar o ofício ali. Não acreditei, mas, fui me certificar sobre o ocorrido. Chegando na porta avistei o rezador, e uma senhora da comunidade vizinha com seu neto, Luan, se prontificando para a benzeção. Corri pedi o celular a meu irmão e retornei pedindo a permissão para gravá-lo, sem pensar muito, dona Iú¹⁸ (como a chamamos), avó de Luan, disse que poderia. Segundo D. Iú, ela estava indo para a casa do rezador quando o encontrou no caminho saindo do trabalho. Ele evitou realizar o ofício na estrada e, por isso, se aproximou até a casa mais próxima:

Figura 11 - Rezador realizando o ofício de rezar de mau olhado, no pé de seriguela.

¹⁸ Ivonete de Souza Oliveira, conhecida por Iú. Avó de Luan, que acompanhava o mesmo durante a reza.



Foto: Antônia F. dos A. dos Santos (arquivo pessoal)

Diante de todo o contexto das rezas, que envolve os símbolos, as palavras e o local de realizar o ofício é notório que, para ambos os rezadores, não se faz tanto resguardo. É visto que o ofício pode ser realizado em qualquer ambiente desde que respeite a ordem que é dada pelo universo referente ao horário, que não pode ser ao meio dia, e tem que ser antes que o sol se esclave¹⁹. Também o cuidado com o lado, que o acompanhante ou quem estiver próximo não pode ficar além do local de se desfazer da erva, após a benzeção:

De fato, é uma constante entre os benzedores rezarem os indivíduos antes do pôr-do-sol, acreditando ser o momento do dia mais adequado para apresentar o enfermo a Deus, bem como executar suas orações (...), o tempo que rege as orações é o tempo natural e sagrado. O ato de rezar não está condicionado ao horário cronológico da modernidade (CONCEIÇÃO, 2015: 112).

Porém, com o “esclavar do sol”, o que resplandece é o tempo natural. Após terminar a reza, o rezador foi em direção a seu lado direito e jogou o ramo de mato fora para que o sol levasse o

¹⁹ Termo peculiar da população do Quilombo de Baixa Grande, referente ao pôr do sol.

mau que caia sobre o doente. Esta reza procedeu por mais dois dias consecutivos, mas não fiz acompanhamento desse período.

Como já foi dito acima, existem outras enfermidades como dor de barriga, que pode ser rezada com o ramo de ervas ou apenas com as mãos, pode-se cruzar com o mato ou com os dedos. Observa-se que, a rezadeira, leva alguns segundos para rememorar as palavras dessa reza e, posteriormente, faz as preces com as seguintes palavras:

Dor de barriga de correntia, corre de noite e corre de dia, assim corre nos ventre da virgem Maria. Dor de barriga de correntia, corre de noite e de dia, assim corre nos ventre da virgem Maria. Dor de barriga de correntia, corre de noite, corre de dia, assim corre nos ventre da Vigem Maria. Dor de barriga de correntia, corre de noite, corre de dia, assim corre no ventre da Virgem Maria. Dor de barriga de correntia, corre de noite e de dia, assim corre nos ventre da Virgem Maria. Dor de barriga de correntia, corre de noite e de dia, assim corre no ventre da Virgem Maria.

A reza para tirar cisco do olho: o rezador, por três vezes, bate na pestana da pessoa rezada e diz as palavras:

Santa Luzia passou por aqui perguntano se o cisco dói, ou não dói? dói! Santa Luzia passou por aqui muntando em seu cavalim perguntano se cisco dói ou não dói? Ele dói! Santa Luzia passou por aqui muntando em seu cavalim perguntano se cisco dói, ou não dói! Ele dói!

A reza para ajudar na hora do parto: esta reza foi explicada pela rezadeira que deve ser usada quando a mulher estiver com dificuldade de despachar a criança, a parteira, ou quem souber as preces podem rezar com as seguintes palavras:

(...) Santa Margarida! eu nem tô prenha, nem tô parida, tira essa carne morta da minha barriga. Santa Margarida eu nem tô prenha, nem tô parida tira essa carne morta da minha barriga. Santa Margarida! Eu nem tô prenha, nem tô parida, tira essa carne morta da minha barriga (...).

A reza para dor de dente pode ser rezada com a folha da erva ou com uma pedra, o rezador diz as palavras ao mesmo tempo em que cruza o elemento de benzer;

Santa Pelan, tava Santa Pelônia sentada na pedra quente, perguntando Fernanda o que é que te dói? É dor de dente, pontada, de fluxo, reumatismo, intrusidade(...).

Santa Pelônia sentada na pedra quente perguntano Fernanda o que é que te dói? É dor de dente de pontada, entrou com de fluxo, pontada, reumatismo e intrusidade. Com que é que cura? Com a paz de Jesus Cristo.

A “passagem” ou “ar do vento”, já destacado no subcapítulo 1.2, segundo a concepção do rezador Miguel, é um “vento mau” que passa sobre a pessoa e, geralmente, apresenta como sintomas iniciais: dor de cabeça e; vistas turvas ou tonturas. Este é seguido por um chamado pelo nome da pessoa, um assobio ao acordar pela manhã e se expor ao vento. Se a pessoa retribuir ao chamado isso pode se agravar possibilitando, conseqüentemente, à ocorrência de um derrame.

(...) O ar do vento é um vento mau, vem se volta, o ar do vento ele subia, chega na porta, chama o cara pessoa cidadão de bem, cê abre a porta e não vê ninguém. –se você escuta... – é chamano é assim! que ele chama assim: ele chama, sôbea. Você oia a porta e não vê ninguém. (...) eu vejo sim, aqui eu vejo direto, principalmente quarta, segunda e sexta feira, que eu vejo, chamano aqui, ai eu tomem já, tomem já não sau assim, porque eu, não vou sair. Agora ce quer vê uma coisa, você tem que andar sempre, o rezador tem que andar sempre, o segredo é andar sempre com alho no bolso, que é próprio po ar do vento, com alho no bolso. (...) corquer pessoa vê, que ele já chama mermo, que é pá vê a pessoa, pá vê cor o destino da pessoa, chama bem alto tamem. (...) quando não é assim passa o vurto, vulpt! Olha, você não vê ninguém, oia não vê ninguém também, você viu quem passou? Não viu! Então, o vento, é um vento mau. – e tamem, assim acontece da pessoa acordar de manhã cedo... – é, e abrir a porta... – abrir a porta. – aí fica difícil! E outra coisa, se abriu a porta e negoço de dar, de ir pá puneiro de galinha, da dicumer a galinha. Não! a galinha pode comer media a hora que ela quiser mai, o cara quer viver a vida dele. A merma coisa chiqueiro de porco, oia, você não sabe a maracutaia que é, você criar um bicho de porco e todo dia ir pra chiqueiro de porco, aí fica difícil, porque quando o ar do vento balança aquele porco... se você quiser vê um ar do vento queimar um mato cê bota o mato, bota o chá de maria no mato depois você vai lá pá você vê.

Percebe-se na conversa com o rezador, a complexidade da doença e a necessidade de se prevenir para que possa evitar enfermidades maiores, sendo necessário recorrer à medicina científica:

Esse, cafederão próprio pra derrame tendeu? você pega ele torra uns caroço dele bota pião branco dento e manuscabra e chifre torrado. Serve próprio pá derrame. So vai servir se você não levar o cara pro médico, se você levar pro médico e deu soro

não vai ficar bom mais não. (...) tem que ser antes! (...) porque se o soro entrar na veia não ficar bom mais entendeu? (...) é o avc, que o médico conhece, a gente conhece por derrame. O derrame é um vento, ele vem, e volta na pessoa e quando começa a esquecer um lado todo, tem zum que dá jeito, tem zum que num dá jeito não. Se rezar ante e dá o remédio porcurar espin caxeiro, pião branco, esse o foi que falei aqui agora, esse, cafederão, e você torrano dano tudo junto, pode dá o cara sei que o cara levanta, e tem um mato ali, que esse, que é o quitoco, este quitoco, quitoco ali serve próprio pá bã. (...) Que voga tomem, é a fé, porque sem fé não cura. Porque eu fui rezar um homi aí num lugar, não divulgá o nome onde foi, quem foi né porque... porque o homi disse que não acreditava na reza, assim, “não tô acreditano na reza não”. (...) que é um dom de Deus, e ele não tava acreditano, maize, (...) mai se, é! Mas ele não tava acreditano. Tamem não ia pagar pá ele acreditar na minha palavra. Só que, quando o ar do vento pegou ele que entortou ele todo, pediu pá gente rezar, ninguém foi lá, o cara morreu. Tão tem que acreditar no dom que Deus dá mas tem muito que não acredita.

Com a afirmação da rezadeira D. Sila, “Na passage tem tudo, tem o preto, tem o mudo”, procurei explicações sobre as sequelas que ficam na pessoa após um derrame, por exemplo. Existem casos como este que tenho conhecimento, de que o indivíduo ficou com a boca torta ou o olho com pouca visão. Então, Miguel explicou durante nossa conversa:

- (...) a pessoa fica com a boca torta, aquilo alí é de que?
- Foi de ar do vento mau. Que o ar do vento mau ele passa entorta a boca, quando num é assim entorta o pescoço, entorta o corpo, esquece o braço, perna, a pessoa acaba ficando mudo, então, a gente já vai já no remédio, dá o remédio pode mandar pu médico.
- Então quando atinge a boca a gente pode considerar que é o mudo, né?
- É.
- Quando atinge o olho é o cego?
- È o cego. É! E quando esquece o lado é o esquecido. Tem o esquecido, o cego, o torto e mudo. (...) o ar do vento e passagem, são dois. São casado, quando passa um tudo bem, passa os dois fica mai difíce.

Conceição (2015) entende que o derrame ou AVC, nas ciências médicas, é o resultado da falta de irrigação sanguínea no cérebro, o que causa lesão celular e danos nas funções neurológicas.

A doença causa um quadro grande de óbito no mundo, que para ser evitado é necessário acompanhamento médico de forma intensa para a recuperação do doente. (CONCEIÇÃO, 2015:105) é importante pensar nos saberes presentes nas benzições. A rezadeira D. Sila descreveu a reza de passagem:

Eu vou te rezar fulano de oiado, quebrante, oiado, inveja, espante, oiado e mufina. Eu tô te rezano uma hora dessa por Nossa Senhora e Santo Antonio nesse mundo de batalha pá te dar força e auta coragem. Pra tirar todo má que tá te persiguino, oiado, quebrante, inveja, usura, espante mufina. Se for passage, se for invocado, se for malinado, se foi o cego, se foi o torto, se foi o mudo, se foi o intoxicado, se foi o alejado, que no teu corpo não há de entrar, não há de ficar, onde tem sete encruzilhada, que não passa pagão, nem batizado. Vou te rezar fulano de oiado, quebrante e mufinado, que te admirar, no teu andar, na tua bondade na tua camaradage, Deus te fez, Deus te formou, fez tirar todo o oiado, toda mufina, todo quebrante, todo azar (...) por dentro e por fora, que no teu corpo num há de entrar, num há de ficar, nem a passagem, nem o torto, nem o mudo, nem o alejado (...) nem o cego, nem o torto, nem o mudo, nem o alejado (...).

(...) vou te rezar de oiado, quebrante e mufinado, que intoxicou no sangue, na pele, no osso, e na água, eu tô tirando todo má que te persegue, quebrante, oiado, mufina, inveja, de homi, ou de muié, ou de moça casada, ou só masinada. Se foi muié bunita, ou fêa, ou magra, ou gorda. Que te botô ar no teu corpo na tua bondade, ou na camaradage, eu tô rezano tô afogentano todo má que te persegue, com a fé em Nossa Senhora, de Oxossi e Ogum, tirar todo má que te persegue, tirar a tristeza dá força e alegria.

É notória a mistura de duas rezas ao mesmo tempo, ao observar isso, perguntei a rezadeira porque ela misturava as rezas, a mesma disse que geralmente faz isso, por que pode acontecer de a pessoa estar sobrecarregado de dois males, tanto de ar do vento, como também de olhado. Segundo definição de Santos (2007: 89), o cobreiro manifesta-se na parte material do corpo do indivíduo, causado por insetos peçonhentos, “ocorrido do contato destes com as roupas da pessoa deixando seu veneno”. Para o rezador Miguel, o cobreiro tem a definição seguinte denominada como impinge e, este, explica a complexidade e a forma de tratamento:

(...) Impinge são uns caroço que dá, se num rezar vira fluxo salvage, e fluxo salvage é quando ele fica tudo na carne viva. E se incruzar, passar fica difícil de sarar. Ele vem (...) vira um cobreiro, quando num é assim é um potó que vem mija e fica, vira, fica a carne viva se num rezar, fica difícil a situação, porque se num rezar ele incruza, e se incruzar vira fluxo salvage, e fluxo salvage não (...) quando incruzar, é quando ele

encontra dum lado pro outro, se ele pegar no braço e rodar o braço todo, aí fica difíce mermo pá, pá, pá, pá curar. Pá curar aí tem que ter tanto remédio, tem que botar poiva, limão e rezar todo os dias, se num botá, se num botá isso aí num fica bom não.

A reza para matar cobreiro dita por D. Sila, pode ser rezada com o ramo de vassourinha: “Pega um poquim de sá, bota nágua e pega bassorinha vai incruzano e rezano, molha a basorinha no vaso, e vai passano no caroço”, dizendo, assim:

Eu vim de Roma em romaria, rezano cobreiro, se for de sapo saparia, se for de lagartixa lagatixaria, eu vou te rezar cobreiro, vou te matar cobreiro, com os poder de Deus e de Maria, que eu tô matano é impinge, o mardito, o fogo salvage, com que é, que mata?

É com os poder de Deus e da Virgem Maria. Que eu tô matano o impinge, o mardito, o fogo salvage.

Carne machucada é quando ocorre a torção de um membro, ou machucado, esta reza é feita com três pedrinhas no mesmo momento que o rezador diz as palavras da reza e vai cruzando:

Senhor são Bambito de Nosso Senhor Jesus Cristo, rezo carne quebrada, nervo torto, veia rendida, carne machucada. Com que? Com a face de Jesus Cristo. Meu Senhor São Furtuoso eu corto, costuro e cozo, com a fé em senhor São Furtuoso, eu corto, costuro e cozo.

Assim, observa-se que o ato de rezar ou benzer uma pessoa “pode ser entendido como um pedido às entidades religiosas para que haja a melhora ou cura efetiva de determinadas enfermidades” (CONCEIÇÃO, 2015; 113). Evidentemente refiro-me com maior firmeza ao termo rezar, que é mais próprio no uso das pessoas desse ambiente, porém, é importante saber, que o termo benzer se faz mais presente no ritual de fazer o sinal da cruz, mas, que não foge do sentido quando falamos da prática deste ofício feito apenas com as mãos:

A palavra abençoar refere-se a uma ação benéfica que um indivíduo pode transmitir a outro, opondo-se ao ato de querer mal, ou seja, amaldiçoar (...) a bênção transmitida pelo benzedor ou benzedeira, está relacionada à cura e bem-estar daquele que recebe a bênção, e não a simples retórica de quem executa a ação (FLORESTA, 2016: 4).

Dessa forma fazemos ressalva a este termo também referindo-se a benção de uma pessoa mais velha que intercede a Deus a benção aos mais novos. É um ato muito comum na comunidade quilombola, o que é também visto como um ato de respeito com os mais velhos, que são muitos destes começando pelos pais, assim como os avós, tios/as, padrinhos, madrinhas e senhores e senhoras, os tratados como seu fulano e dona fulana. Nesse sentido o mais velho não nega a benção ao seu subalterno, assim também, o ultimo não pode esquecer da obrigação de lhes pedir a benção, ao contrário passa a ser entendido como desobediência ao que foi aprendido pelos pais. Durante a entrevista com dona Sila foi notado a importância do ato da benção sob alguém. O que deixou explicito na sua reação diante de uma benção não respondida por me a sua netinha. Em um momento de brincadeira entre três crianças, duas netas da rezadeira e um sobrinho, sua neta chega e me pede a benção como madrinha, eu simplesmente ri sem responder-lhe. Dona Sila então falou que eu não negasse a benção, então respondi: Deus te abençoe.

Considerações Finais

O presente trabalho é resultado de uma relação entre pesquisador e pesquisado, que vêm se configurando a muitos anos. Esta relação partiu de um convívio coletivo, onde o saber fazer do ofício de rezas esteve presente e que deu seguimento de um interesse em particular, de registrar, tanto o ofício, quanto os fatores que estão em constante ameaça a este patrimônio, assim, sendo escrito por meio do envolvimento “ as recordações de um passado vivido afloram as emoções silêncios e olhares perdidos no tempo. Demonstram o quanto falam a subjetividade, e, o quanto ela age no desenrolar de uma conversa, o que para mim inicialmente era uma conversa sobre rezação torna-se agora a revisitação de um passado por meio da memória (DE FREITAS, 2016:33).

Não posso falar de dificuldades durante a elaboração deste trabalho, o meu conhecimento com a rezadeira/rezador facilitou o diálogo com os mesmos, e com os familiares para a iniciação da pesquisa, e as chegadas constantes em suas residências. Minhas frequentes idas à casa de dona Sila me ajudaram a perceber o quanto a rezadeira se sente feliz em ter alguém para conversar, alguém que esteja disposto a ouvi-la e que se interesse pelo ofício, tendo em vista que é um conhecimento pouco explorado pelas pessoas da comunidade. Durante as gravações foi evidente as descobertas feitas pela rezadeira no que diz respeito o aparelho celular com a capacidade que tem de gravar e posteriormente ser ouvida. Sempre que gravava sua voz tinha que em seguida reproduzir o áudio para que a escutasse. Era evidente o seu encantamento pelo que estava ouvindo, o que me deixava feliz e mais certa de que estava fazendo algo de agrado.

Para Miguel também foi de agrado, pois todas as vezes que conversei com ele, o mesmo falava da importância que é alguém se interessar em aprender o ofício. Vale lembrar que os fatores que acometem a falência do ofício de rezadeiras/ores, se associam com mais evidência a contemporaneidade que envolvem em primeiro lugar a religiosidade, a medicina científica, a falta de diálogo da juventude com seus mais velhos, e não podemos esquecer da educação básica, com a ausência de ensinamentos que viabilizam o ensino da história e da cultura africana, afro-brasileira e indígena, assegurado pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Essa lei ainda não está complementada no currículo escolar da comunidade quilombola de Baixa Grande.

De modo geral, “resgatar este universo da cultura imaterial de nossa sociedade é preservar tradições e práticas que ajudaram a construir o que somos hoje. As sociedades atuais e futuras têm direito a que seus valores sejam preservados (FLORESTA, 2016). Contudo,

devemos considerar que a prática de rezas com ervas, são de fundamental importância para a comunidade quilombola de Baixa Grande. Em vista dos fatores apresentados como ameaça, a ausência dos mais velhos detentores deste saber, tendem ao esquecimento das novas gerações. A comunidade de Baixa Grande é cercada de elementos construídos pelos antecedentes que são preservados até os dias atuais. Entender e valorizar estes aspectos é no mínimo o dever de todos.

REFERÊNCIAS

- ALBERTI, Verena. De “versão” a “narrativa” no Manual de história oral. (2012).
- ABREU, Marta. Religiosidade popular, problemas e histórias. História e Religião, Faperj/Mauad, Rio de Janeiro, p. 83-90, 2002.
- ALMEIDA, Alfredo Wagner Berno de. Quilombos e as novas etnias / Alfredo Wagner Berno de Almeida. – Manaus: UEA Edições, 2011.
- BASTIDE, Roger. As religiões africanas no Brasil: contribuição a uma sociologia das interpenetrações de civilizações. Livraria Pioneira, 1989.
- BATISTA, Luís Eduardo; WERNECK, Jurema; LOPES, Fernanda (orgs.). Saúde da população negra. 2. Ed. Brasília, DF: ABPN – Associação Brasileira de pesquisadores negros, 2012.
- BÂ, Amadou Hampatê. “A tradição viva”. História geral da África, v.1, p.167-212, 1982.
- BRUNO, Cristina. Museologia: algumas ideias para a sua organização disciplinar. cadernos de sociomuseologia, v.9, n.9, 1996.
- CHAGAS, Mário de Souza. EM busca do documento perdido: a problemática da construção teórica na área da documentação, 1994.
- CONCEIÇÃO, Alaíze dos Santos. C744 “O Santo é quem nos vale’rapaz! Quem quiser acreditar, acredita!”: Práticas religiosas e culturais nas benzeções/Alaíze dos Santos conceição – 1 ed. – Curitiba : Editora Prismas, 2015.
- COSTA, Carmen Cira Lustosa da. Comunidades Quilombolas. Ministério de Direitos Humanos - MDH, Brasília - DF, 09/04/2014, SEPPPIR, online. Disponível em: <<http://www.seppir.gov.br/comunidades-tradicionais/programa-brasil-quilombola#wrapper>>. Acesso em: 30 Jan. 2019.
- DA SILVA, Vagner Gonçalves. Intolerância religiosa: impactos do Neopentecostalismo no campo religioso afro-brasileiro. EDUSP, 2007.
- DE SOUZA REZENDE, Eliana Almeida. Um ensaio de ego-história. Revista sustinere. v.4, n.1, p. 144-153, 2016.
- DE FREITAS, Laíza Mailane Conceição. O olhar de quem faz e não de quem vê: Uma etnografia sobre o ofício das rezadeiras em Governador Mangabeira - BA. 2016.
- DOS ANJOS, Suelen Gonçalves. Cultura e tradições negras no Mesquita: um estudo sobre a matrifocalidade numa comunidade remanescente de quilombo. Padê: Estudos em filosofia, raça, gênero e direitos humanos (encerrada), v. 1, n. 1, 2007.

- DIAS, Maria DJAIR. História de vida: as parteiras tradicionais e o nascimento em casa. Revista eletrônica de enfermagem, v.9, n.2, 2007.
- DE FREITAS, Sônia Maria. História oral: Possibilidades e procedimentos. Editora Humanitas. 2006.
- Estatuto da Igualdade Racial e de Combate à Intolerância Religiosa Do Estado da Bahia.
- FERRETTI, Sérgio Figueiredo. Repensando o sincretismo. Edusp, 1995.
- FLORESTA, Suzana Rodrigues. “As benzedeadas do Oeste Goiano: Resgatando uma história”. Política Nacional de Saúde Integral da População Negra. Ministério da saúde. Secretaria de gestão estratégica e participativa, 2007.
- FRANCO, E.A.P.; BARROS, R.F.M. uso e diversidade de plantas medicinais no quilombo olho D’água dos pires. Esperantina, Piauí. Revista Brasileira de plantas medicinais, v. 8, n. 3, p. 78-88, 2006.
- FRAGA FILHO, Walter et al. Encruzilhadas da liberdade: histórias e trajetórias de escravos libertos na Bahia, 1870-1910. 2004.
- _____. “Migrações, itinerários e esperanças de mobilidade social no Recôncavo baiano após a abolição”. Caderno AEL 14.26 (2010).
- HESPANHOL, Alberto Pinto, COUTO, Luciana; MARTINS, Carlos. A medicina preventiva. Revista portuguesa de medicina geral e familiar, v.24, n.1, p. 49-64. 2008.
- JUNIOR, Valdir F. Veiga; PINTO, Angelo C.; Maciel, Maria Aparecida M. plantas medicinais: cura segura. Química nova, v. 28, n.3, p. 519-528, 2005.
- MACHADO, Adilbênia Freire. Filosofia africana para descolonizar olhares: perspectivas para o ensino das relações étnico-raciais. Revista de educação, ciência e tecnologia. V. 3, n.1, 2014.
- MENESES, Ulpiano Toledo Bezerra de. A crise da memória, história e documento: reflexões para um tempo de transformações. Silva ZL, organizador. Arquivos, patrimônio e memória: trajetórias e perspectivas: São Paulo (SP) : EDUNESP/FAPESP, p. 11-30, 1999.
- MUNANGA, kabengele. Origem e histórico do quilombo na África. Revista USP 28 (1996): 56-63.
- ORO, Ari Pedro. Neopentecostais e afro-brasileiros: quem vencerá esta guerra? Debates do NER, v. 1, n.1, 1997.
- ORO, Ari Pedro; ALVES, Daniel. Renovação Carismática Católica: movimento de superação da oposição entre catolicismo e pentecostalismo? Religião & sociedade. Rio de Janeiro, RJ. Vol. 33, n.1 (2013). P.122-144. 2013.

_____. Neopentecostalismo: dinheiro e magia. *Ilha revista de antropologia*, v.3, n. 1, p. 071-085, 2001.

PELEGRINI, Sandra; FUNARI, Pedro Paulo. *O que é Patrimônio Cultural Imaterial*. Brasiliense, 2017.

Portal. IPHAN. GOV.BR

RAVAGNANI, Osvaldo Martins. *O que é benzeção*. *Perspectivas: Revista de Ciências sociais*, 1985.

SCHMIDT, Maria Luisa Sandoval; MAHFOUD, Miguel. *Halbwachs: Memória coletiva e experiência*. *Psicologia USP*, v.4, n.1-2, p. 285-298, 1993.

SANTOS, Fabricio Lyrio. *Da catequese à civilização: colonização e povos indígenas na Bahia* 2014.

SANTOS, Francimário Vito dos. *O ofício das rezadeiras: um estudo antropológico sobre as práticas terapêuticas e a comunhão de crenças em terapêuticas e a comunhão de crenças em Cruzeta / RN*. Dissertação de mestrado. Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2007.

OLIVEIRA, Rosy de; CARVALHO, Ana Paula Comin; MULLER, Cíntia Beatriz (Orgs.). *Territorialidades negras em questão: conflitos, lutas por direitos e reconhecimento: Norte, Nordeste e Centro-Oeste*. Cruz das Almas: EDUFRB; Belo Horizonte: Fino Traço, 2016.

ZILBERMAM, Regina. *Memória entre oralidade e escrita*. *Letras de hoje*, v. 41, n. 3, 2006.

Apêndice:

APÊNDICE 1 – QUESTIONARIO DIRECIONADO A REZADEIRA

1. Qual o seu nome completo, 2. A senhora tem quanto tempo de rezadeira, 3. Qual o dia, mês e ano que nasceu?, 4. A senhora costuma sair para rezar em outras comunidades, em que situação?, 5. As rezas tem dias certos para rezar, quais são os dias?, 6. Tem um horário certo para essas rezas, qual o horário indicado?, 7. Qual a posição que a senhora indica para quem está sendo rezado ficar, por quê?, 8. O que a senhora acha da importância destas rezas para a comunidade?, 9. Qual a melhor forma de se desfazer das ervas depois de usadas?, 10. Antigamente eram muitas pessoas da comunidade que lhe procuravam para serem rezadas, hoje em dia ainda vem muitas pessoas?, 11. Qual a importância dessas rezas na sua vida?, 12. A senhora reza nos dias atuais, (se não) por quê?, 13. As pessoas demonstravam fé nas rezas, de que forma?, 14. De que forma essas pessoas lhe agradeciam?, 15. A senhora faz alguma recomendação em oração no começo e termino das rezas, de que forma?, 16. Quais as principais rezas com ervas da comunidade?, 17. Quais ervas são usadas para essas rezas?, 18. Quais as rezadeiras que a senhora conheceu daqui da comunidade de Baixa Grande?, 19. A senhora é nascida na comunidade?, 20. Com quem a senhora teve este conhecimento, de que forma?, 21. Quais são as rezadeiras que a senhora conhece na comunidade?, 22. Existe um tipo de erva para cada reza?, 23. Quais são os santos rezados pela senhora nessas rezas?, 24. A senhora reza sem ervas, quais são as formas?, 25. Quais tipos de doença são rezadas sem as ervas?, 26. Quais elementos são usados para as rezas sem o uso das ervas?, 27. As rezas são procuradas para quais doenças?

APÊNDICE 2- TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS COM O/A REZADOR/EIRA

Conversa com o rezador após a colheita de ervas para rezar o doente.

- De olhado é, é sete dias?

– vai, vai por impar, ou um, ou três, ou cinco, até nove ou quatorze não quantidade não, a mesma coisa do ar do vento, o ar do vento você nunca pode rezar par, tem de rezar impar, ou uma, ou três, ou cinco, ou sete, ou nove.

– ham... e pra um rezador só, como dona Sila, fica muito puxado pra ela? – a, aí agora você, bota mesmo pra minha mãe rezar uma e procura outro pra rezar o restante, ou minha mãe reza duas e o outro reza o restante. Aí pra não ficar dividido aí seria homi e mulé no mêi, quanto mái tiver uma mulé no mêi, e um homi no mêi, seria melhor porque o ar do vento é uma peste que já é casado, ar do vento é igual passagem é os dois casado quando passa um tá os dois, se passar os dois, não tem salvação mais. Então é a mesma coisa, se ela passa de mais não tem salvação pode rezar não resolve, não escapa não. Então é a mesma coisa do ar do vento, a reza do ar do vento tem que ser impar, qualquer reza tem que ser impar, uma, ou três, ou cinco, ou sete, ou nove, ou até vinte e um quereno im vai...

- E esses daqui que é pá, esses mato aqui que é pra óiado é o que? – Aqui é bassorina, andu, e algodão e esse... quebra peda. Quebra peda foi que eu peguei ali, peguei pá rezar (risada).

– Entendi.

Mas pá pegar pá rezar mesmo é pião, pião, arruda, tira tema essas foias que é própria pá rezar, mas pegá do vento do verão bater agora não acha mais mato. Esse quarana, esse aroeira também é muito beleza pá rezar tamem.

- Tá.

· Observa-se que a conversa foi realizada no terreiro da casa de Miguel, no momento da apanhação de ervas para a realização do ofício que seria pronunciada por dona Sila. Por motivos do local se inserir no espaço rural com a real forma de vida desta sociedade de criar aves no âmbito doméstico, este no quintal, houve a interferência da cantoria do saqué no momento da gravação.

Diálogo da rezadeira durante a reza de olhado.

- Vai rezar de que é?

- de olhado!

- Olhado né?

- vou te rezar joilso em nome do pai do filho e do espírito santo. Tirar quebranto, tirar oiado. O ôio de fêi, de magro, gordo, bonito. Tô te rezano na fé de Santo Antoi, (...) de Oxossi, de Ogum (...) tirar oiado, tirar quebranto e mufinado, tirar o cansaço de teu corpo, oiado de homi, e de mulé, de moça de menina, casada (...) ou preta, ou branca, ou rica, ou pobre, do teu conversar, do teu andar, ou da bonadade, ou da camaradage, com três te botaro, com quatro eu tiro (...) pela força do Santo de ogum (...) por nome do pai, do filho e do Espírito Santo (...) sai mufina, sai oiado, sai quebranto, sai te azar, sai invocado, sai do corpo de

Joilso (...) afujentano todo má que te segue Joilso, dor nas pernas, dor no braço de (...) por cada encruzilhada, assim quando sai os quebranto os Anjos tá rezano (...) que todo má que no corpo vai entrar, no teu corpo não há de ficar, por dentro e por fora, sai mufina, sai quebranto, sai azar, sai azar, sai invocado, sai intoxicação sai do corpo de Joilso (...) quebranto e mufina, por dentro e por fora (...) quando ti andar, na tua boniteza (...) sai mufina sai oiado, sai azar, sai do corpo de Joilso(...). (passando o mato sob o corpo do doente)Tô te rezano Joilso em nome do pai, do filho, do Espírito Santo, pá tirar quebranto do teu andar, da tua boniteza, (...) preto, branco, rico ou pobre, no teu andar, na tua boniteza, no teu conversar, no teu sirrir, no teu oiar, com três botaro, com quatro eu tiro no nome de Deus e de a Virgem maria, tô rezano Joilso afujentano todo mau que te persegue, mufina, quebranto, oiado, quebrante, de oiado, de azar se foi mulé bunita, se foi feia, se foi magra, se foi gorda e bunita, ou se foi gente véia, se foi muderno, se foi sair do corpo de Joilso tô rezano (...) tô rezano hoje é terça feira dia de Nossa Senhora (...) todo má que persegue Joilso, oiado, mufina, quebrante, azar, do oiado, do quebrante, do azar, tamém de todo ar do vento do corpo de Joilso, (...) do cego, do mudo, do invocado, do intoxicado, do malinar (...) se for vermêi, se foi preto (...) se foi o mudo, se foi o cego (...) não há de ficar. Sai passagem, sai ar do vento, sai (...) sai do corpo de Joilso (...) sete encruzilhada (...) dor de cabeça, dor nos braço, dor nas perna, dor no corpo, (...) com a passage, com o oiado, com usura, com azar (...) sai te frebônio (...) poir nome do Pai, do Filho, e do Espírito Santo (...). senhor Salomão de roma, ne roma foi nascido, foi morto, foi gerado, tira a doença de ar do vento (...) do mudo e do cego (...) todo má que persegue Joilso (...) os Anjos tá rezano...

Diálogo com a rezadeira sobre o preparo e resultado da reza de sol e sereno.

- Reza com o litrinho, né?
- É com o litro.
- Como é que faz esse, esse preparo?
- Do que, o preparo?
- Sim, senhora.
- É pegar, a, a, água botar no frasco, pegar um pano branco, botar na cabeça e im rezano.
- hum.
- É. É de sol e sereno.
- Aí vai, cruzano também?
- É, e incruzano, é e com dedo na cabeça, rezano, incruzano, e rezano (...)

- *Como é que sabe que, o resultado como é que a senhora sabe que tinha sol e sereno?*

- *por vai saino aquela, aquela, aquela...*

- *as bolhinha.*

- *aque... sim! Sim! Aquela boia vai subino, subino, aí sobe, sobe, assunta! sobe aquelas miudinha, aquela vai subino aquela fila miudinha é sereno, e saino as luma, e saino a luma é solo. A que sai a graúda é, é de solo, é e aquela miudinha é sereno, sai aquela fila, subino a água.*

- *Bota o pano e vira bem, encarca bem porque a água num, num escorrer. Encarca pá tu saber que tem, encarcar e vai saino a água, saino a água, saino a água, sai na, toda dor vai sair na água.*

- *E tem também, assim tem que tomar cuidado, também com o, o sol essas coisas?*

- *É, quando tirar o pano não bota no solo não. Bota dende de casa que tá na sombra. Dende casa, que é pro mode a dor de cabeça num vortá.*

- *E depois, usa o pano normalmente? Ou tem que ser um pano próprio pra reza?*

- *É (...) tem que ter um pano próprio pá reza mermo.*

a reza com alegrim)... O preparo, pegar a água botar num frasco pegar um pano branco botar na cabeça e ir rezando ... é a de sol e serena, é cruzando, rezando e cruzando e rezando essa mesma reza que eu falei (...) na dor da cabeça. Passei naquelas bolinhas, subindo subindo, ai assunta sobe aquelas miudinhas é serena e saindo a luma é solo a graúda é de solo e a miudinha é sereno subindo na água.

(...) Onde tu vai Loriana? Vou Fabiana, vou buscar pano forte, pá rezar de sereno, chaqueca, belifisso entre casco e malina, que for de sol, sobe pras nuvem, que for de sereno, desce pras baixa, onde num canta galo nem galo (...). que na cabeça de Fernanda, essa dor de cabeça não há de vortá nem de alengá, pra donde não passa pagão nem batizado, dor de cabeça invocado, nem intoxicado, assim como sai os quebranto os Anjos sai rezano, levar essa dor de cabeça lá pras ondas do mar, que na cabeça de Fernanda nunca mais há de vortá.

- *Qualquer dor de cabeça que a pessoa tiver sentindo pode rezar?*

- *É. Clareia o sol, clareia a lua, é o sacrário. Dor de pontada, de fluxo, reumatismo e intrusidade. Se for no corpo, se for no pé, se for nos braço, se for nas mão, há de tirar toda dor de pontada, reumatismo e intrusidade, essa dor de pontada, não é de ficar, que entrou de frente, sai de costa, com a fé em Bom Jesus da Lapa e Nossa senhora. Pá afugentar todo má que te persegue, dor de pontada de fluxo, reumatismo e intrusidade.*

Diálogo com a rezadeira durante a reza de dor de cabeça.

(...) - *Como é teu nome?*

- *Angélica!*

- *vai rezar de que é?*

- *Dor de cabeça!*

- (...) *passage, tontura, zonzeira. Dor nos braços, na pena, no corpo e na mão, pá tirar todo má que tá te pirsiguino, que no teu corpo não há de entrar e não há de ficar, passage, tontura zonzeira.*

- *Sai da frente menina, como é, é Nanda que tá na frente é?*

- *Não senhora, eu tô cá do outro lado.*

- *Tirar passage, tirar tontura, tirar zonzeira, com a fé de Oxossi e de Ogum (...) o Pai do Filho, do Espírito Santo (...) o nome do Pai, do Filho, do Espírito Santo (...) passar na encruzilhada (...) Santo Antoi, Nossa Senhora, oxossi e Ogum. Pá num deixá... Cumé teu nome? - Angélica! - Angéca, nem doida, nem surda, nem muda, nem esquecida, nem dislebrada, que tem nessa cabeça será tirado com nome do Pai, do Filho, do Espírito Santo. Vai pás sete Maria, vai pás encruzilhada, onde não passa ninguém, nem pagão, nem batizado (...) Com a fé em Santo Antoi, Nossa Senhora, Oxossi e Ogum, Nossa Senhora Yemanjá. Vai tirar todo má que te pirssegue, que no teu corpo não há de entrar e não de ficar, que eu tô rezano (...) por dentro e por fora, pra tirar esse male intoxicado do teu corpo, que no teu corpo não há de entrar e não há de ficar, passage, tontura e zonzeira, dor nos braços, dor na cabeça, dor nos pé, nos corpo e nas mão. Com o nome do pai, enquanto tô rezano tá afujentano todo má que te pirssegue (...) tirano ou na porta da cuzinha, ou na encruzilhada, ou na porta da cozinha, no chiqueiro de porco, ou no puneiro de galinha, que trouxe (...) com dor de cabeça, custipação, com dor nos braços, dor nas perna, custipação, intoxicação e malina (...) encruzilhada (...) machucar, que no corpo não há de ficar, que eu tô rezano tô afujentano todo má que te pirssegue, passage, tontura, zonzeira, dor de cabeça, dor nos braços, dor nas pernas, esquirecimento de vista, tontura zonzeira, que no teu corpo num há de entrar e num há de ficar que tô rezano tô afujentano tudo. Cadê a cabeça fia?*

(...) De sol, sereno, saqueca, benifiço, enticaços e malino, que for de sol, sobe pra riba, que for sereno sobe pra baixo (...) que sua cabeça não há de ficar. Nem dor de cabeça, nem de sol, nem sereno, nem saqueca, nem benifiço, intoxicação e malino. Sai dor de cabeça, sai intoxicação, sai malina, sai da cabeça de cumé?

- Angélica! - de Angélica.

- vem pro lado de cá, vem pro lado de cá que ela tá rezano aí!

- essa dor de cabeça intoxicação que tá não há de ficar. Se for de sol e sereno, se for enxaqueca, benifiço, entecascos e malino. Que for de sol sobe pá nuvem, que for sereno desce pá face, foi no canta galo, no galinheiro (...) não for de falar, (...) nunca mais há de entrar e não de ficar (...) por dentro e por fora, vai tirano todo má que te pirssegue. Dor de cabeça, curtipação, malino. Dor nas perna, tontura, zonzeira. Se entrar, na tua cabeça não há de ficar que tô rezano no nome do Pai, do Filho do Espírito Santo, com a fé em oxossi, Ogum e Yemanjá. Essa dor de cabeça se entrar, na tua cabeça não há de ficar. Pano no canta galo (...) assim como sai os quebranto os Anjos tá rezano, há de tirar todo má de teu corpo jogar pras onda do mar, que no teu corpo entrar não há de ficar. que tô te rezano no nome do Pai, do Filho, do Espírito Santo. Se essa dor de cabeça tua é deita se é enteado afunjentado na tua cabeça não há de ficar, com a fé de (...) oxossi e Yemanjá, há de tirar todo má que te pirssegue, no teu corpo não há de ficar, nem curtipação, nem malina, nem passage, mufinada, nem invocado, nem intoxicado, nem malinado, que eu tô tirano, afugentano todo má que te pirssegue. (...) que tô tirano tanta passage, tanto a mufina, tanta intoxicação, tanto a mufina, de homi, de mulé, de moça, menina, casada, solteira, maziada. Tô te rezano, são dor de cabeça (..) se for parente, se for estranho, preto, branco, rico ou pobre ou negro. Que te botou tanta mufina no teu corpo, ne tua bunitiza, se foi de fêi, se foi de magro, se foi de gordo, se foi de bunito, no teu pintiar do cabelo, se foi no lavar, se foi na vestimenta (...) na tua cabeça não há de ficar, todo má, toda pirsiguição que tá te pirssiguindo se afonjentado pelo dia que é de hoje, Sabádo dia de Nossa Senhora, afojentar todo má que tá te pirssiguindo. Em nome de santo que tô te rezano de dor de cabeça, tirar dor dos braço, da perna, intoxicação, incortipação e malina, eu tô rezano pá afujentar todo má que te pirssegue (...) nem passage, nem tontura, nem zonzeira, vai tirar o ar do vento, o cego, o mudo, o isquicido, os alebrado (...) na tua cabeça não há de ficar. vai tirar o ar do vento o intoxicado e o malinado, preto, o vermêi, o vaporado, o intoxicado e o malinado, que ne tua cabeça não há de entrar e não há de ficar, passage, tontura zonzeira. (...) Se foi no beber da fonte tomado bái, se foi no beber água, beber do café, quem invocou essa passage (...) não há de ficar, sai passage, sai ar do vento, sai o torto, sai o cego, sai o mudo, sai o esquecido, o

lembrado, sai febre, sai febinha, sai intoxicado, (...) tô tirano passage, dor de cabeça, intoxicação, vaporização, curtipação, malina, sai ar do vento, o doente, o invocado, incortipado, o malinado. O torto, o cego e o mudo. Que no corpo de Angélica não há de ficar, tô rezano Angélica pelo dia que é de hoje, afojentano todo má que te pirssegue Angélica. Nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo. Se entrou (...) que ne tua cabeça não há de ficar. Todo má que te pirssegue será afujentado pelo dia que é de hoje, hoje é sábado dia de Nossa Senhora. Com a fé em Senhor São Roque e Senhor São Lázaro (...) que afujentar todo má que te pirssegue, na tua cabeça não há de ficar. Eu tô te rezano pá afujentar todo má que te pirssegue, num vai invurtar e num vai ficar, eu tô te rezano tô afujentano todo má com a fé no coração. Que assim (...) Nossa Senhora (..) toda persigação, toda invocação, toda curtipação malina, te dá força de alegria, tirar tristeza te dá alegria (...).

Com nome do Pai, do Filho, do Espirito Santo.

cadê a cabeça fia? hum...

Ficou bem longe, mai tudo seve.

Sai passage, sai invocado (...) não há de ficar, dor de cabeça custipação (...) eu tô te rezano, tô afujentano todo má que te pirssegue, tirano ar, tirano curtipação, tirano mufina, na tua buniteza, que te dimiraro, no teu andar, na tua buniteza, na tua bondade, ou na camaradaje, com três te botaro com quatro eu tiro com nome de Deus e da virgem Maria, que há de afujentar todo má que te perssegue que no teu corpo não há de entrar e não há de ficar, hoje é sabo dia de Nossa Senhora, vai te afujentar todo má que te pirssegue, na cabeça, dos pé, nos braço e nas mão, vaporização, curtipação e malina, no teu como há nunca mais de entrar, nem passagem, nem dor de cabeça, malinado e intoxicado (...)na cabeça não há de ficar que tô te rezano com a força de Oxossi e de Ogum, pá tirar dor de cabeça, intoxicado e malinado (...) Com nome do Pai, do Filho, do Espirito Santo, que na tua cabeça não há de ficar (...) com fé em Oxossi, Ogum e Nossa Senhora e Bom Jesus da Lapa, afujentar todo má que te pirssegue, com a fé nosso senhor São Roque e seu São Lázaro vai tirar todo má que te pirssegue, com nome do Pai, do Filho, do Espirito Santo. Senhor Salomão de Roma, que Roma foi nascido, foi morto, foi gerado, foi sacramentado, vai tirar o ar do vento, do ar do vento, do tempo, do poente, da intrusidade, pontada, do cego, do mudo, do esquecido, do alembrado.

Diálogo explicando a reza para dor de barriga.

- (...) E é com, é com o mato também, ou é com a mão?

- Tanto com a mão, a gente vai pegano o mato e cruzano. É assim! Xô assuntar, deixa eu assuntar primeiro também.

Dor de barriga de correntia, corre de noite e corre de dia, assim corre nos ventre da virgem Maria. Dor de barriga de correntia, corre de noite e de dia, assim corre nos ventre da virgem Maria. Dor de barriga de correntia, corre de noite, corre de dia, assim corre nos ventre da Virgem Maria. Dor de barriga de correntia, corre de noite, corre de dia, assim corre no ventre da Virgem Maria. Dor de barriga de correntia, corre de noite e de dia, assim corre nos ventre da Virgem Maria. Dor de barriga de correntia, corre de noite e de dia, assim corre no ventre da Virgem Maria.

Diálogo com a rezadeira Sila explicando a reza de dor de dente.

- A senhora pode me falar também, como é a preparação?

-De que?

- Pra essa Reza de dor de dente.

-Dor de dente?

- É.

- Aí a pessoa vai pegano, se for pá rezar de mato é de mato também. A gente pega um mato, ou com a pedra também, rezano e incruzano, vai dizer assim... deixa eu assuntar primeiro.

Santa Pelan, tava Santa Pelônia sentada na pedra quente, perguntando Fernanda o que é que te dói? É dor de dente, pontada, de fluxo, reumatismo, intrusidade(...). Santa Pelônia sentada na pedra quente perguntano Fernanda o que é que te dói? É dor de dente de pontada, entrou com de fluxo, pontada, reumatismo e intrusidade. Com que é que cura? Com a paz de Jesus Cristo.

Diálogo durante a entrevista com o rezador Miguel e a participação de Joilson Fiúza.

- (...) Esse, cafederão próprio pra derrame tendeu? você pega ele torra uns caroço dele bota pião branco dento e manuscabra e chifre torrado. Serve próprio pá derrame. So vai servir se você não levar o cara pro médico, se você levar pro médico e deu soro não vai ficar bom mais não -tem que ser antes?! -tem que ser antes! porque se o soro entrar na veia não ficar bom mais entendeu? - E o derrame, ooo derraame é de que assim? O que é que dá o derrame? - O derrame que vem através do vento, o ar ven, ar, por que o médico é conhecido por que, esse, cumé? - AVC!- é o avc. Que o médico conhece, a gente cunhece por derrame.

O derrame é um vento, ele vem, e volta na pessoa e quando começa a esquecer um lado todo, tem zum que dá jeito, tem zum que num dá jeito não. Se rezar ante e dá o remédio porcurar espin caxeiro, pião branco, esse o foi que falei aqui agora, esse, café berão, e você torrano dano tudo junto, pode dá o cara sei que o cara levanta, e tem um mato ali, que esse, que é o quitoco, este quitoco, quitoco ali serve próprio pá bã. - E quitoco é o qual? Que dona Sila falou o nome mas eu não conheço não. - (risada). Quitoco é aquele dali, esse aqui, ela, pode se você quiser toma bã, toma. Se você não quiser, ispia que chero bom tem. Cê pega e faz torradinha pá, pá cherar (risada). - tem um cheirim bom, mais injuadim, né? (...)

-E o quitoco, foi o qual que tu falou? - O quitoco é esse aqui ó (...). Esse, folha das costa. - A folha das costa eu conheço. - conhece? - esse daqui, né? Folha grossa, folha da costa. - Cê conhece aquele dali? - eu sei o, eu, eu já ouvi... - espada de alguma coisa? (...). - esse dali, é palma de São Jorge, lá é espada de São Jorge, porque espada é um, e palma é outro (risada). É. - isso aqui é o que? - isso aí é espada de São Jorge. (...) é palma, aí á, isso aí é uma pá, isso aí é uma espada memo né, o de cá já é uma palma né, já é. (...) esse é o mesmo, tem um que é espada de Ogum. Espada de Ogum, espada de São Jorge.

- é o mesmo? - é o mesmo! Só que povo tem tanto nome. Tem tamém que é majericão lá. O dali é majericão, é, tem majericão, isso aí é cherano, que só ele. Próprio pá bã tamém. - aquele dali, a gente bota na comida tmbém, né? - Aquele dali ó, é, ali esse, esse aqui tamém ó, ispim de três tempo ó, é próprio pá urina, - é o quê? - aqui próprio pá urina, pá lá má! - pá disin, desinfecionar? - (...) é, isso! Aqui ó pé piqueno, e sim! é próprio pá unrina aí, se o cara tiver sintino dor de urina... - como é o nome desse? - ispim de três tempo! - ispim de três tempo. - já viu falar disso aí, não? - não, esse não. - (risada). - tem tanto, tantas ervas no quintal... - isso aqui a gente chama aqui ó! ...que a gente não conhece, a gente não sabe. - Unha de gato, pá inflamação tamém aqui, unha de gato! (risada) - ah, é esse que é unha de gato. (som do radio). - você, você faz, faz com a folha ou com o espinho? - faz com a foia. Aqui tem esse aqui, chamado esse aqui ó! - ó que cheirinho! (...) - sarador ó, sarador. Se você tiver uma pessoa que tenha alguma ferida, aí, e num sará, pode torrar e, pode torrar, isso aí, já levei pua mulé lé ne Conceição de Feira, a mulé ficou boa. -hum. Isso aí, agora tem, tem arruda, tem, tem arruda, tem uma foia dessa como já falei, eu plantei o pé de espinheira santa mãi não deu certo, que morreu. Plantei tmém esse... (tchu... tchu), cumé o nome?, esse... ispim cheroso, alí ó! Próprio pá bã tamém, ispim cheroso. - ispim cheroso é o qual? - tem quarana alí! - ispim cheroso é esse pau alí. Quarana! - qual, esse daqui? - ispim cheroso! - quarana é esse aqui é? - é, quarana é esse aí! - ispim cheroso é pá que? - ispim cheroso serve pá você fazer bã, cê fazer bã, cê pega cozinha tamém, você tiver com

dor de cabeça você pega cuzinha o bã chera, é a mesma coisa da sinusite, pá sinusite, tem que ser, pá sinusite tem que ser alho, é alho chá de maria, acalipto e arco, cê bota no frasco, tampa ó, você chera, que ce fica bom. Entendeu? Tão, se quiser a medicina vou passar pá vocês (risos). – assim, você aprendeu com dona sila não foi? – rapaz, não. Essa memo já é coisa memo, do tempo memo, o tempo cada vez que passa a gente tem que ó, sabeno mais coisa pá passar, pá... – é uma dúvida minha, eu não sei se é de Fernanda também! –hum. – por exemplo: é, qualquer pessoa, que queira, ser rezador, ela, ela consegue ser rezador, ou, ou é, como posso dizer algo, sei lá, de Deus, alguma coisa divina? – um dom! – um dom! – depender tomem porque tem muito, que eu ensinei não aprendeu. Já quase igualmente pro aprender memo, zum, eu aprendi duas com minha mãe, e uma se eu chegasse assim visse uma mulé rezano, aí eu ficava de boa, e não aprendia nada, chegasse em casa falava tudo que a mulé falou, falava memo, tudo que a mulé falou alí rezano, eu rezava, é a mesma coisa, que, que tem a reza da, da espiéla, reza de oiado, de dor de cabeça, ar do vento, tem todo tipo de reza, tem da biôla. – e quem despertou esse interesse em aprender, a rezar? –Cuma é? Quem despertou esse interesse em aprender? – a pra me ave maria, a melhor coisa da vida, foi desde pequeno, desde pequeno memo, sempre teve, sempre, minha mãe sempre me ensinava me rezar, minha mãe sempre me ensinara eu falei um dia vou aprender rezar, pá foi uma benção de Deus e hoje não paro em casa não sei (tchu) – hoje em tudo que é canto. – a hoje, aonde você disser aí eu vou, pau-ferro, caatinga seca, jacarezim, jacaré grande, toco um, dois, três, quixabeira, São José, brejo, encruzo, até nesse conceição de feira já fui rezar gente, já fui ne, ne São antoi de Jesus já fui rezar uma mulé no hospital, agora só que no hospital, rezar só com a mão, que lá com o médico num, mato não entrava, só com a mão somente. Já fui em Salvador tomem, rezar, e a mulé ficou boa. Que voga tomem, é a fé, porque sem fé não cura. Porque eu fui rezar um homi aí num lugar, não divugá o nome onde foi, quem foi né porque... porque o homi disse que não acreditava na reza, assim, não tô acreditano na reza não. (...) que é um dom de Deus, e ele não tava acreditano, maize, (...) mai se, é! Mas ele não tava acreditano, tamem não ia pagar pá ele acreditar na minha palavra, só que, quando o ar do vento pegou ele que entortou ele todo, pediu pá gente rezar, ninguém foi lá, o cara morreu. Tão tem que acreditar no dom que Deus dá mas tem muito que não acredita, é merma coisa do crente eu não disfaço no crente não porque pá me, ele pode tá falano isso pode tá isso quiser vim na minha casa pode vim, mil e duzentos mil, pode chegar aí (...) não disfaço nda, seu tenho minha lei tamem, tenho minha religião temem, num disfaço nada de ninguém não. Pode chegar aí ó me chamar vamo na igreja, eu vamo (...) pá assinar uns papel aí puns cara pegar um classificado de uns crente alí fui assinei, eu vou sim (...) –

não ter fé é uma coisa, agora desfazer também, aí já é... – alí esse, (tchu), pinha! Foia de pinha, foia de pinha é pópio pá, pá, pá, pá esse, a peda no rim, a peda no rim, se o cara tiver com peda no rim, se o cara não tirar eu tiro! (risada). Sabe que pé de pau é esse aqui? –xô vê. –(...) pá você cumer ainda hoje fala aí, você come ou não come? (risada). É o que? – conheço não! – oxe! É memo? – maracujá? – não! Maracujá não! – vejo mai o nome eu não sei! (...) – isso aqui você pode chegar aqui, ce pode tirar foia por foia, e botar na carne de sertão pá você vê, que beleza ne isso aqui. – rapaz! - Isso aqui é, fala...(risada) fala aí, eu já falei quase tudo aí. (som do radio) (...) – eu já vi mas eu não sei o que é! – língua de vaca não é! – Cuma o nome? – língua de vaca não é! –nãao, mas acho que passou perto que aqui esse garganta. – ah esse aí eu não conheço não. – É memo? Um dia vou sair por ai pro mostrar a você tanto mato que tem por aí. – ah eu venho, eu venho pra aprender. - Um mato chamado espinheira santa, espinheira santa ave maria! Tem um mato também chamdo canela de véi, já ouviu falar? Canela de véi.? –canela de véi não. (...) – acho que, Fernanda vai ter um trabalhão pra catalogar. – tenho sim eu nem conversei com. – ó um pé de anador ali! Anador tudo a gente plantou ali, o pé desse, alí ó um pé ali tamem, (...) (conversa vaga). – tu falou anador eu lembrei, tem outro tamem é, - nelvagina tamem tem! – é bezetacil né? É! Tomem ali um tomem. – é um vermelho. – é. – lá em casa tem, pra inflamação né? – lá tem também. – é, capim santo... – ô Migué mas tu disse que, que, que quem tiver pedra no rim, e não tirar, tu consegue tirar. – (rizada de Migué). É na reza? É na reza mermo? – ou no chá? – no chá tira! É só tomar quebra peda, quebra peda foi o mato que vocês levou, você pode tomar o chá de quebra peda, esse... – de quebra pedra eu sabia mas do outro eu num...(...) -e a foia da pinha. - Da pinha eu num sabia. – o que? não sabia de que? – que pinha tirava pedra. – a quebra pedra eu sabia. – quebra pedra eu sabia mas a folha da pinha não sabia não. Oxe, ave maria foia da pinha é a primeira (...). – essa região aqui te procura pra aprender as rezas? – não. Não (riso) – você sente falta? Depois que acabar... – acabou tudo. -... e aí quem é que vai continuar as rezas? – ninguém! porque, hoje se o rezador sabia, o rezador que sabia, e já morreu, aí que cabo, ninguém apredeu mais, é a merma coisa de rezar pá são corne esse negosso tal, tal, o rezador que tinha alí morreu, aí agora pá reza uma aqui a ainda tem que buscar longe, no sei o que, hoje a mulé, a mulé me deu, a mulé me deu, cinco foia, copiado de reza, maízeu, pá me fica muito puxado porque, é uma coisa que eu não aprendi foi ler. Pá não mentir pá vocês. A corque reza que você quiser eu mando você copiar, eu falo pá você copiar todinha, agora pode eu escrever, pensa num cara analfabeto, também eu tô com cinquenta e cinco ano fazer mai o que aí (risada). (conversa paralela). – ...Mas, na questão da reza, como a gente sabe que reza é uma coisa espiritual, né? – é onde é, questão de fé e

tudo. – é, questão de fé, ter muita fé pá rezar, reza, quando mermo quando se bota uma pessoa pá rezar memo, só o pensamento, só na reza, tem que ser como certo não pode disviar o pensamento pá outra pessoa, porque Deus num quer, por Deus saiu no mundo curando a pessoa não foi assim. Deus quando saiu pelo mundo curando as pessoa ali naquele lugar, ficou com o pensamento ali sempre naquele lugar pro cristão ficar bom, hoje, sei lá, não sei se é todo mundo que tem um dom, todo mundo em, ou sair por aí, sei lá que reza não é assim não, reza mermo, é uma coisa memo, um dom memo do céu, sério memo, se é pá rezar é, tem muito, por hoje se eu for ensinar uma pessoa rezar, tamem tem que explicar pá ela, Cuma é, Cuma não é, num pode, se cumo é, num pode travessar o mar, pro oceano, que reza é reza, num pode, vamo sipor que bota é, vamo sipor que bota uma menina pá rezar, no no esse, no banco, vem uma menina de lá pá cá pá rezar, a menina diga assim, vamo sipor, que a menina diga, rapaz Miguel vim cá pá tu me rezar, tenho tanto oiado não sei que que eu faço vou tirar meu oiado. Cê acha que eu posso chegar e falar pá aquela menina, rapai eu num consigo tirar você não, (...) aí procura outra pessoa, que eu não sou... não existe isso que a menina vei buscar, a palavra que ta dentro de mim pá ela ficar boa, existe, eu vou falar outra palavra? Nãao! Num existe. Tá errado, né? Então se é pá rezar, é que o rumo é aquele mermo, pensar de uma coisa pá oto, vem buscar uma palavra que tá, pá ficar boa, num é pá a gente falar outra frase que não pode falar, tão, o negoço que a reza tem que ser muito (...) de mais pá aprender, né, né, né difícil não. Aí eu, eu vou arrumar umas quto palavra, umas quato não, dá umas três foia mais ou meno, de uma, uma reza só. – E o que tu acha assim, assim, tua visão, tua opinião, tua visão, que tu acha que é certo, é... o momento assim de falar da reza, de falar as palavras da reza, qualquer momento por exemplo: eu vim aqui conversar contigo, Migué... tu pde falar uma reza sem rezar, é, num vai... – só num pode pegar na surpresa porque é uma coisa que que a gente nunca fez né? É que arrente, arrente reza qualquer pessoa pode chegar mil pessoa agora né que arrente sabe que é pá rezar, agora se for pá fazer uma gravação assim, né? – humrum – já pegou dispreocupado que eu até que, né? Incher a mente todo da quela reza, que num vai conseguir nem falar, e pá rezar arrente, chega uma pessoa, você sabe que é pá rezar, se for pá gravar assim. – E na questão do respeito com a reza? Não tem... segredo não? – tem sim, tem muito segredo, mas o segredo da reza aí é num ficar pensano ota coisa maldade, que a reza, reza é pá rezar mermo, nós num pode... – é aberto pá qualquer pessoa!. – pá qualquer pessoa, ou pá, ou pá, pá tanto faz pá homi, pá minino, pá mulé, pá qualquer pessoa, mas hoje ninguém, sei lá, oxe, esse mundo de meu Deus (riso). É taves pode achar alguém que possa aprender, se passa aí ou, homi, menino ou mulé, qualquer pessoa aí que fosse ensinar agora pá menina, se fosse rezar uma

menina, ou uma menina, ou menina, ou menino, ou qualquer pessoa, eu ensinavo ele primeiro, daqui uma semana ia lá pá ele me rezar eu, já ia, ia começá assim pá ele me rezar assim, vou treinano ele! treinano ele! treinano ele! Aí depoi que ele me rezar eu vou lá busco se for uma menina boto o pai e a mãe dela junto que é pá começá assim, vou rezano junto com os povos, já pá rezar pá fora, pá ficar sem vergonha de rezar, poruq enum é todo mundo que vai chegar pá rezar numa multidão de gente... (conversa paralela). Então, vai começano os poquim... (conversa Paralela). – Sim! E, assim, quanto a idade de aprender? E eu já tenho vinte e sete anos. – e eu que já tô com cinquenta e cinco, (risada) eu já tô querendo me aposentar paro ano (risada). (conversa paralela). Eu tenho uma menina que tá com cinco ano aí, a, essa semana ela gritou, rapaz, reza minha mãe! Reza minha mãe! Só que eu, na correria, ela, ela pegou o mato e rezou, rezano agora, se eu for ensinar eu insino, mas só que é muito menino pequeno pá, pá se envolver nessa reza, que reza tomem, (...). assim, porque hoje, rezador hoje, você vai ter que limpar, tanta gente, a pessoa doente você rezou. Aí tamem, você tamem, vai ter que procurar se rezar tamem, porque você não vai ficar somente cuidando dos outros e você não. – A, uma pergunta. Com quantos anos assim você acha que uma pessoa ela deveria aprender a rezar? – a partir de de uns dez ano acima pode, começar, só não ar do vento,(...) ele pode aprender a rezar do ar do vento, mas deixa pá mais tarde mais, pá começá rezar o povo... – é muita carga que a pessoa recebe? – oxe, ar do vento, oxe, ar do vento é muito sério, então, deixa pá quando ficar mais, o menino vai ficar mais duro um poquim aí que vai, e vai uns doze ano, já vai aprendendo rezar do ar do vento, mas essa reza pequena, oiado, cabeça, dor de dente, (...) tudo bem, tudo bem, já pode começar... – ar do vento, e oiado é diferente né? – é, sim, oiado! – é quando a pessoa oia pra outro... –é. Dimira se você veste uma roupa o cara fala, a rapai fulano de tal tá com uma roupa bonita. Se você toma um bãí, o povo fala, todo dia tomano bãí. Se você prende o cabelo fala, porque tá pintiano o cabelo. Aí ó, vai chegar uma época de você dizer assim é, eu num vô nem pentiar meu cabelo...(conversa paralela). Hoje vamo sipor que principalmente que(...) levei ne uma casa pá rezar uma mulé, e na casa pá rezar um homi, e aí, no oiado só tinha da mulé, e aí a mulé desconfiou, e num é isso, que o oiado tamem vem da família, vem do pai, vem da mãe (...), e a muié desconfiou, mais não é só de fora que muié vai botar oiado, não. – de casa mesmo? – é, de casa. Hoje se você dá um sorriso, o povo diz que você ta alegre, se você come muito, o povo vai dizer: ah! Isso é uma serra, você toma um bãí o povo diz, se você pintia um cabelo o pvo vai falar, você veste uma roupa, tudo, se você trabalha o povo fala, se você planta de mais o povo fala... – se não trabalha fala! – tudo... é como é que não vai viver a vida? A, vai viver a vida, vai longe!, vai longe! – e o ar do vento é o que? – O ar do vento é

um vento mau, vem se volta, o ar do vento ele subia, chega na porta, chama o cara pessoa cidadão de bem, cê abre a porta e não vê ninguém. – se você escuta... – é chamano é assim! que ele chama assim: ele chama, sôbea. Você oia a porta e não vê ninguém. – já, já ouvi... – acontece... – eu vejo sim, aqui eu vejo direto, principalmente quarta, segunda e sexta feira, que eu vejo, chamano aqui, aí eu tomem já, tomem já não sou assim, porque eu, não vou sair. Agora ce quer vê uma coisa, você tem que andar sempre, o rezador tem que andar sempre, o segredo é andar sempre com alho no bolso, que é próprio po ar do vento, com alho no bolso... – assim a gente, é normal você escutar, chamar o nome de outra pessoa que não seja o seu? – é, não! isso aí pode chamar, agora você só não vai lá vê. – é, eu falo assim no sentido, por exemplo: o ar do vento é quando a, a, lhe chama né? E assim quando chama outra pessoa você, consegue escutar? Ou só a pessoa escuta? – não corquer pessoa vê, que ele já chama mermo, que é pá vê a pessoa, pá vê cor o destino da pessoa, chama bem alto tamem... (...conversa tumultuada) - corquer pessoa vê, vê, vê. – que eu já vi assim, chamar o nome de outra pessoa, aí a pessoa perguntou assim: tu viu alguém chamano meu nome? Falei escutei, vi. – quando não é assim passa o vurto, vulpt! Olha, você não vê ninguém, oia não vê ninguém também, você viu quem passou? Não viu! Então, o vento, é um vento mau. – e tamem, assim acontece da pessoa acordar de manhã cedo... – é, e abrir a porta... – abrir a porta. – aí fica difícil! E outra coisa, se abriu a porta e negoço de dar, de ir pá puneiro de galinha, da dicumer a galinha. Não! a galinha pode comer media a hora que ela quiser mai, o cara quer viver a vida dele. A merma coisa chiqueiro de porco, oia, você não sabe a maracutaia que é, você criar um bicho de porco e todo dia ir pra chiqueiro de porco, aí fica difícil, porque quando o ar do vento balança aquele porco... se você quiser vê um ar do vento queimar um mato cê bota o mato, bota o chá de maria no mato depois você vai lá pá você vê... – chá de maria e? – bota pá você vê, chá de maria (...) queima tudo, onde é chá de maria e o alho (som do radio x conversa paralela)

Diálogo com o rezador explicando o que é a enfermidade da impinge.

- O que é impinge Migué?

- Impinge são uns caroço que dá, se num rezar vira fluxo salvage, e fluxo salvage é quando ele fica tudo na carne viva. E se incruzar, passar fica difícil de sarar. Ele vem (...) vira um cobreiro, quando num é assim é um potó que vem mija e fica vira, fica a carne viva se num rezar, fica difícil a situação, porque se num rezar ele incruza, e se incruzar vira fluxo salvage, e fluxo salvage não .

- Quando tu fala incruzar é o que?

- *Quando incruzar, é quando ele encontra dum lado pro outro, se ele pegar no braço e rodar o braço todo, aí fica difíce mermo pá, pá, pá, pá curar. Pá curar aí tem que ter tanto remédio, tem que botar poiva, limão erezar todo os dias, se num botá, se num botá isso aí num fica bom não.*

Explicação sobre ar do vento

Quando o ar do vento passa bem forte, ele fica sem... tem do cego, tem do mudo, tem do torto e tem do alejado. cada qual ele deixa uma sequença na pessoa, quando ele passa ele chama a pessoa, ele passa aí a pessoa vê uma voz, a voz assim comé? bem cunhecida, aí o cara, vorta num vê ninguém, já pode saber que já invocou na pessoa. E se a pessoa num se cuidar pá rezar, vai ino, vai ino, vira outros pobema difíce, aí quando num é assim vira tanto pobema, as pessoa fica sem fala, muito vai pro hospital toma um soro num vorta mai bom, vorta toma o soro já foi. Se num rezar! É a merma coisa quando o cara esquece um lado todo, aí, o remédio tem o remédio próprio paquilo, se o cara for pro soro, tomar o soro, pode esquecer que nunca mai. Se vortá com argum probema fica, num fica todo mai fica com argum pobema.

E se a gente vê uma pessoa com uma sequela que foi, do derrame, que a gente geralmente fala né?! - o derrame mermo! - Aí a pessoa fica com a boca torta, aquilo alí é de que?

- *Foi de ar do vento mau. que o ar do vento mau ele passa entorta a boca, quando num é assim entorta o pescoço, entorta o corpo, esquece o braço, perna, a pessoa acaba ficando mudo, então, a gente já vai, já no remédio dá o remédio pode mandar pu médico.*

- *Então quando atinge a boca a gente pode considerar que é o mudo, né?*

- *é.*

- *Quando atinge o olho é o cego.*

- *é o cego, é. E quando esquece o lado é o esquecido. Tem o esquecido, o cego, o torto e mudo. (...) o ar do vento e passagem, são dois. São casado, quando passa um tudo bem, passa os dois fica mai difíce.*

Explicação sobre mufina.

(...) A mufina é quando a pessoa, admira da pessoa, que a pessoa trabaia muito, a pessoa trabaia, aí a pessoa só vai ficano mole, ficano mole aí, fica com o corpo mufinado e num presta pá nada mai, nem pra trabaiaá, nem pá lavar uma roupa, nada, nada, nada, aí fica

difíce pá ele, quando ele vê, vai desceno, desceno, desceno pá cima da cama. Olho grosso é o pior veneno que tem Avé-Maria!

Explicação sobre vento caído.

Vento caído é quando o menino tá obrano verde... ou se assustano toda hora, quando você vê um menino pequeno, menino molim piqueno tá se assustano toda hora, se assustano chorano toda hora pode procurar, barriga inchano, pode procurar logo um rezador de vento caído, que é o vento caído com certeza. Até menino grande, menino com, três, quatro, também cai o vento, então se, até numa pessoa chamar ele assim correno, chamar só, assustar ele pronto (...) obrar verde pode saber que é o vento caído.

Explicação sobre espinhela caída.

Espinhela. A reza da espinhela é quando, quando a arrente mede com o cordão, cordão passa de um dedo pro outro, aí quando o cordão passa que arrente mede de um, de uma pá, pá outra, um lado da grama da piqueno, aí... pode saber que tá, aí quando sente as perna dueno, o corpo todo dueno, escurecimento de vista pode saber, as costas, o peito dueno, pode saber que tá bem passado, se num rezar, se cair emborcar, num tem saúde, nem médico dá jeito mai. Se imborcou, num tem história não. Enquanto reza dois, três dia, não pode passar debaixo de arame, esse negoço. E fica bom. Mas quando o corpo sente todo dilurido, pareceno que apanhou de mai, pode saber que é espinhela, pode rezar que fica bom.

Explicação sobre a dor de cabeça de sol e sereno partido da conhecimento do rezador Miguel.

(...) Sol e sereno, e, e, dor de cabeça de sol e sereno, chaqueca. Chaqueca é uma, dor de cabeça de sol é uma, de sereno é outra. Dor de cabeça de sereno doi de minhã, e correr de, umas quatro da madrugada até o dia amanheceno, (...) é sereno. E ne três da tarde até de, de três da tarde, começa de três da tarde vai até nove da manhã, se a cabeça ficar dueno é sereno, aí agora o correr do dia, se duer já é solo. Se num duer a noite, é solo. Se duer o dia é solo, se duer a noite é sereno. (...). (Se duer o dia é sereno, e se duer a noite é solo) (corrigido), se duer o dia é solo, e se duer a noite é sereno, entendeu? Dia é solo, e a noite é sereno. Dor de cabeça abusada, agoniada, emcima da testa, vai andano, andano...

- *E tem haver mermo com o sol quente, essas coisas, com o sereno que a gente toma, ou é alguma coisa?*

Não. Se panhar sereno de mai, a dor de cabeça na certeza tomar tanto sol quente tomem, na certeza se vê a teia afastada num lugar que a pessoa dorme pode saber que é, num mermo lugar que o sereno tá ali (...).

Explicação sobre a enfermidade da dor de dente

- *A dor de dente é uma lagata, vai passano de um pu outro, aí quando, a dor de dente já vem dua lagata já vai rueno, rueno. a merma coisa de um licuri, quando tem um licuri são, você quebra vê aquela lagatona lá dento do licuri, (...) então já cresceu lá dento mermo, já cresceu ali dento, tá merma coisa , aí quando cabar de rancar tamem passano de um pá outro. Dor de dente é assim, passano de um pu outro, um pu otro, e se fica agora depois que cabar tudo, se num cabar tudo num fica bom não.*

- *E aí, a reza, como é o preparo pra reza de dor de dente?*

- *A dor de dente tem que reza, com a p... com três pedra, e areza de Santa Pelânia. Santa Pelânia sentada na pedra quente, e perguntou pá onde vai, rezano de dor de dente , pontada e entrosidade, e aí toca o barco. (risos).*

Explicação sobre a erisipela

- *A erisipela é o que?*

- *A erisipela ele dá... é um poblema que da na perna, quando, vai discascano, discascano ali fica na carne viva, pode saber que é a erisipela, tem que reza (...) reza com mato, ou se num reza com óleo, se tiver muito ferida reza com óleo, se num tiver muito ferida reza com limão, sal, poiva, que fica bom.*

Ressaltando que algumas enfermidades que são explicadas neste anexo, não foram possíveis a descrição das palavras das rezas devido o limite de tempo para a execução do trabalho o que impossibilitou a elaboração de mais informações.

APÊNDICE 3- IMAGENS PRODUZIDAS DURANTE A PESQUISA

Figura 12 Residência de dona Sila, ao lado a casa do seu filho



Foto: Antônia F. dos A. dos Santos (arquivo pessoal)

Figura 13 - Momento que realizava a pesquisa com a rezadeira, e sua neta ao lado



Foto: Antônia F. dos A. dos Santos (arquivo pessoal)

Figura 14 - Plantio de ervas medicinais no quintal do rezador Miguel.



Foto: Antônia F. dos A. dos Santos (arquivo pessoal)

Figura 15 - Reza escrita apresentada pelo rezador durante nosso diálogo.

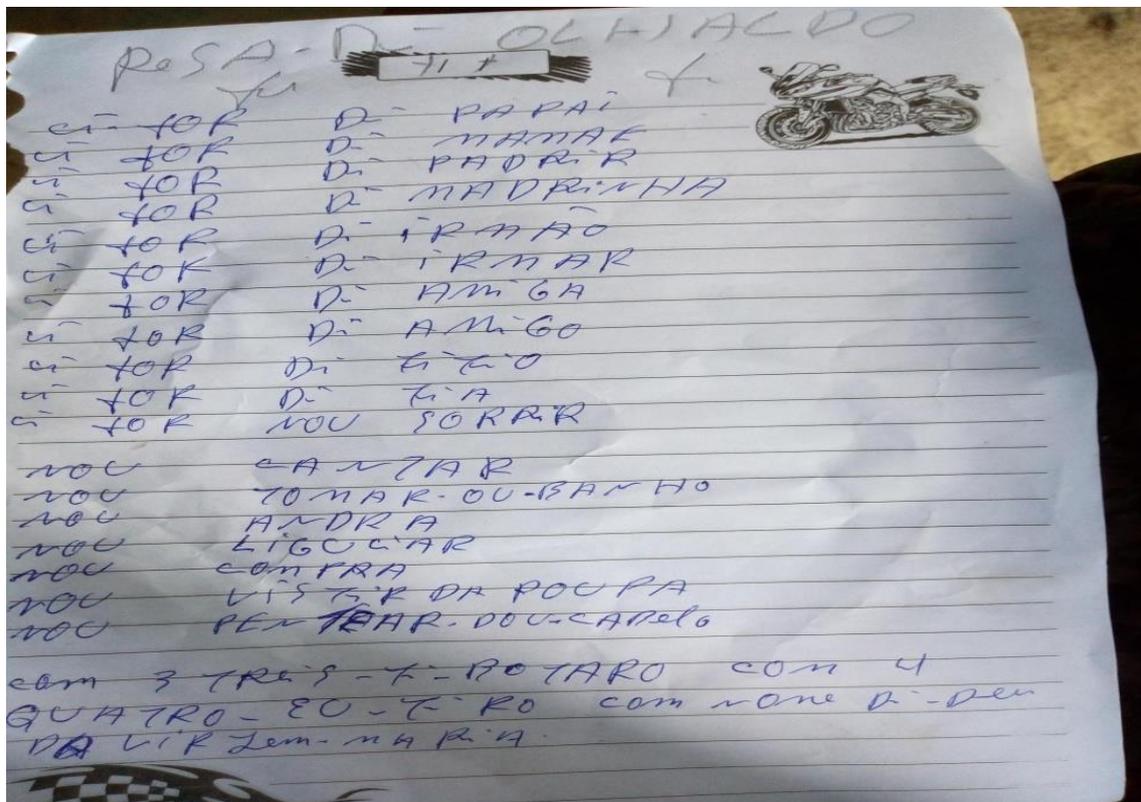


Foto: Antônia F. dos A. dos Santos (arquivo pessoal)

Figura 16 - Momento durante a pesquisa que o rezador apresentou algumas ervas e sua serventia



Foto: Antônia F. dos A. dos Santos (arquivo pessoal)

Figura 17 - Momento durante a pesquisa que o rezador apresentou algumas ervas e sua serventia



Foto: Antônia F. dos A. dos Santos (arquivo pessoal)

Figura 18 - Estrada frente a casa de Dona Sila



Foto: Antônia F. dos A. dos Santos (arquivo pessoal)

Figura 19 - Conversa com Dona Sila durante a gravação do ofício



Foto: Antônia F. dos A. dos Santos (arquivo pessoal)